

REVISTA **Bzzz**

ANO 3 | Nº 20 | FEVEREIRO DE 2015 | R\$ 10,00

SEM FIM

Obras da sede do TRE completam 10 anos sem expectativa de conclusão

MODA INCORRETA

O alto consumo da moda pela moda gera problemas ambientais e acende o sinal amarelo



MAGALY FONSECA

A elegante dama criada no Rio que agitou a sociedade natalense e foi vencida pelo vício do cigarro

OUSADA

Publicidade de loja em Natal ganha repercussão internacional com suas propagandas picantes que misturam moda e sexo

BRASÍLIA

Museu Nacional é marca da interação entre elite e população de baixa renda

BEIJO PROIBIDO

Enquanto tramita lei para proibir beijo gay em público, Código Penal prevê punições para qualquer beijo lascivo

A DESTEMIDA

Em meio ao descontrole da violência no RN, a delegada Kalina Leite é a primeira mulher a assumir a Segurança Pública do Estado, com a missão de reaparelhar a Sesed, tirar policiais de gabinetes e colocar nas ruas. Diminuir os altos índices de criminalidade é o seu lema

CÂNCER DE PELE
A MELHOR DEFESA
É A PREVENÇÃO.





PARA SE DEFENDER DOS RAIOS UV EMITIDOS PELO SOL E PREVENIR O CÂNCER DE PELE É PRECISO ADOPTAR MEDIDAS DE PROTEÇÃO CONTRA OS EFEITOS AGRESSIVOS DA RADIAÇÃO.

- Use chapéus, camisetas e protetores solares • Evite a exposição solar e permaneça na sombra entre 10 e 16h • Observe regularmente a própria pele, à procura de pintas ou manchas suspeitas • Consulte um dermatologista pelo menos uma vez ao ano
- Mantenha bebês e crianças protegidos do sol.

POLÊMICAS E GLAMOUR

O MÊS DE FEVEREIRO CHEGOU banhado pelas bênçãos de Iemanjá. Mês de frevo. De axé. Também de efervescência na política brasileira. Nos bastidores das articulações. No nervosismo do mercado financeiro. Mas, isso é outra coisa. Aqui, é discorrer sobre o que o leitor vai encontrar. Mais uma edição, novas e boas matérias nas páginas.

Até a Justiça não é plena quando o quesito é construção pública. Um imóvel que hoje deveria ser a nova sede do TRE potiguar é uma obra parada no tempo. Dez anos se passaram e hoje ainda não se tem previsão de conclusão. E nem tudo é notícia ruim. A primeira mulher a comandar a Secretaria De Segurança do RN é a esperança de combate à crescente criminalidade no Estado. Destemida, fala sem segredos.

Edição recheada de matérias polêmicas. Dorme nas gavetas da Câmara dos Deputados um projeto de lei que proíbe o beijo gay em público. Nem é reprovado nem aprovado, porque não foi à votação. Enquanto isso, vigora desde 1940 um artigo do Código Penal que proíbe o chamado beijo lascivo, entre todos. Aquele mais ardente, digamos assim. E a dor de cabeça, que muitos pensam controlar com analgésicos, pode ser sinal de alerta a um perigo. Erros por todos os lados.

Vamos de moda. Duas matérias impossíveis de não se ler. Uma fala sobre a publicidade em Natal que causou polêmica com sua ousadia no tempo em que órgãos sexuais eram tratados como tabu. Slogans ganharam repercussão além Brasil. Não à toa, uma dizia que a Bain Douche era “uma loja da porra”. Nossa editora de moda Larissa Soares levanta o alerta sobre o exagerado consumo de roupas na crista da moda que vem causando danos à natureza.

No item memória, Thiago Cavalcanti resgata a história de uma das mais badaladas socialites de Natal, que veio do Rio de Janeiro cheia de pensamentos modernos e educação da mais tradicional elite carioca. Em Brasília, um museu é atração entre a classe proletária, que divide a atenção pela arte ao lado dos mais abastados. E tem muito mais leitura interessante e curiosa. É só passar as páginas e se deliciar com os textos. À vontade. Sem moderação.

Eliana Lima

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
portaldaaabelhinha.com.br

E-MAIL
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@revistabzzz.com

EDITORAS ASSISTENTES
ALICE LIMA, ANDREA LUIZA TAVARES E
MARINA GADELHA

REVISÃO
REGINA COSTA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
CAMILA PIMENTEL, CARLOS DE SOUZA,
HEITOR GREGÓRIO, JANAÍNA AMARAL,
JULIANA MANZANO, LARISSA SOARES,
LOUISE AGUIAR, OCTÁVIO SANTIAGO,
ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI
E WELLINGTON FERNANDES.

FOTOS
JOÃO NETO, FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA,
SUELI NOMIZO, CANINDÉ SOARES

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

**O ÓLEO DE COZINHA QUE VOCÊ
DESPEJA PELO RALO PODE
FAZER MAL À NATUREZA.**

**NÃO DESPEJE ÓLEO NO RALO. SEJA UM PARCEIRO DA LIQUIGÁS NA
PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE. O FUTURO DO PLANETA AGRADECE.**

Na próxima troca do botijão, peça para os nossos entregadores levarem o seu funil ecológico. Ele é gratuito e vai auxiliar você na armazenagem do óleo de cozinha usado, evitando que ele seja despejado pelo ralo da cozinha e acabe poluindo rios e o meio ambiente.

A retirada do óleo será realizada na próxima visita dos nossos entregadores. Eles levarão o óleo que você armazenou até uma usina de reciclagem, que transformará esse resíduo em biocombustível.

Abrace esta campanha. Estamos juntos pela preservação do meio ambiente.

 facebook.com/liquigas

 www.liquigas.com.br

SAC 0800 775 4784

LIQUIGÁS

 **PETROBRAS**

Ministério de
Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA



38 DOR DE CABEÇA

13 milhões de brasileiros sentem o incômodo todos os dias. Como se livrar desse mal

SAÚDE

14 Álcool

Droga social é o primeiro passo para a dependência química

CULTURA

60 Comércio cultural

Mercado de Petrópolis, em Natal, reúne segmentos da cultura alternativa



84 SHOW DE PISCINA



68 REFÚGIO EM PIPA



76 GASTRONOMIA Gafe do Sabor

1º LUGAR EM RECONHECIMENTO

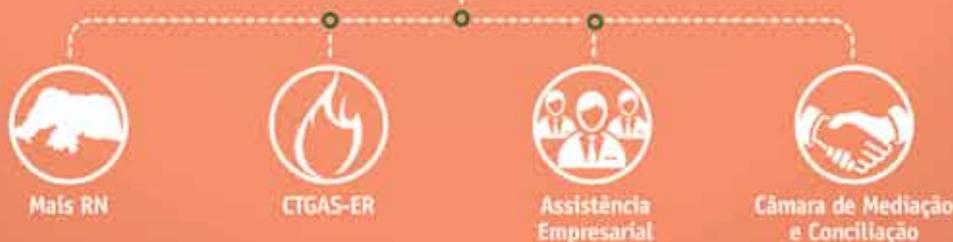
**COLABORAR COM MELHORIAS
 PARA A SOCIEDADE É NOSSO
 MAIOR PRÊMIO.**



Os benefícios do trabalho realizado pelo Sistema FIERN e suas casas – FIERN, SESI, SENAI e IEL - em busca de um Rio Grande do Norte mais participativo expandem-se além do "chão de fábrica". Patrocinadas por recursos financeiros do setor produtivo, essas ações vêm trazendo resultados positivos na promoção da educação e da formação profissional, indispensáveis ao desenvolvimento econômico e social do estado e do país. Empenho que enche de orgulho a classe industrial: a FIERN foi novamente em 2014 a entidade patronal da qual mais se ouviu falar pelo trabalho desenvolvido no RN, com 44% de reconhecimento* de acordo com o Instituto Certus, melhorando inclusive o desempenho em relação à pesquisa anterior**. O povo potiguar aprova o trabalho do Sistema FIERN.



ações do sistema FIERN





ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília

Foto: Hélivio Romero/AE



O SONHO

O empresário Josué Gomes da Silva, controlador da Co-teminas, é o sonho de consumo da presidente Dilma Rousseff para o seu governo. Em dezembro de 2014, ela o convidou para ser ministro do Desenvolvimento Econômico. Ele recusou sob a justificativa de não expor a empresa fun-

dada pelo pai, o saudoso ex-vice-presidente José Alencar. Nos escaninhos do poder, consta que Josué foi novamente convidado, em janeiro de 2015. Dessa vez para comandar a complicada situação da Petrobras. Convi- te novamente agradecido. E recusado.

MUXOXOS

O novo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, começou o seu reinado, digamos assim, contrariando não apenas a presidente Dilma e os deputados que bradaram no plenário serem contra a deliberação da admissibilidade da Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que trata da Reforma Política. Funcionários efetivos da Casa, que conhecem bem o funcionamento da Câmara, ecoam baixinho pelos corredores do poder: “É, esse presidente já começou mal”.

Foto: Hélivio Romero/AE



MAAASSS...

Sem choro nem velas, a proposta foi aprovada no plenário.

ARROCHO

E Cunha chegou com mão de ferro. Já avisou que não vai aceitar justificativas para faltas de deputados e colocou logo para quinta-feira pós-carnaval uma sessão com votação nominal.

MILITANTE

Em Brasília, a neo-senadora Fátima Bezerra (PT) não deixa escapar uma oportunidade de chamar os deputados federais potiguaros novatos que nutrem simpatia pelo Governo Federal para participar de audiências com auxiliares da presidenta Dilma, para as quais é convidada. Uma forma de prestigiar os calouros e deixá-los sempre por perto.

OLHAÍ

Presidente da Confederação Nacional de Pescadores e Aquicultores (CNPA), Abraão Lincoln não obteve vitória nas urnas, mas está podendo na capital federal. Em voo rasante sobre o Planalto, o Zangão Antenado observou nomeações de apadrinhados do suplente em pelo menos três Ministérios.



CANETAS

Na Câmara Federal, já se faz fila na porta do gabinete do deputado federal Sérgio Reis, eleito pelo PRB de São Paulo. Visitantes e servidores em busca de um autógrafo ou, com sorte, uma foto ao lado do cantor-parlamentar.

SININHOS

A barba do senador-tucano Aécio Neves, que faz moda entre os homens Brasil a fora, está causando suspiros entre lulus do Congresso Nacional.



Foto: Hélio Romero/AE



EM ALTA

A bancada potiguar na Câmara Federal ganhou um novo deputado-bonitón. É o jovem Rafael Motta (Pros). Tirou o posto de mais belos dos deputados Fábio Faria (PSD) e Felipe Maia (DEM). Não que os dois estejam menos bonitos, digamos assim. É que agora os dois estão casadóns. Já Rafael, sem aliança de compromisso.



CURIOSO

O neo-senador Romário não quer sair do apartamento de deputado. Tenta continuar morando no imóvel funcional, onde, além dos investimentos da Câmara Federal, ele teria gastado a maior grana “do próprio bolso” na reforma. Maaasss...não tem acordo com a presidência do Senado. Simplesmente porque não pode. Sem mandato de deputado, tem 30 dias, a partir da posse como senador, para desocupar o apartamento.



CRISTA

Quem chamou as atenções durante da posse no Senado foi a mulher do senador goiano Wilder Moraes (DEM), Vanessa Gualberto. O vestido de renda ajustado ao corpo exibiu suas delineadas curvas.



EM TEMPO

A Câmara gastou R\$ 280 milhões na reforma dos apartamentos funcionais que servem aos deputados federais. Cada um tem 200 metros quadrados. E cada custou cerca de R\$ 650 mil bancados pelos cidadãos brasileiros.



JUSTIÇA PARADA NO TEMPO

As obras da nova sede do TRE em Natal se arrastam por dez anos e já consumiram cerca de R\$ 11 milhões, sem previsão de conclusão do prédio

Por Louise Aguiar
Fotos: Sueli Nomizo



“

Em construção,
os valores nunca
podem ser fixos.”

Virgílio Fernandes,
presidente do TRE

O QUE SERIA A NOVA SEDE do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte (TRE) é hoje uma obra parada no tempo, que se arrasta por quase dez anos na Avenida Ruy Barbosa, no bairro do Tirol, área nobre da capital, Natal. Com duas licitações realizadas, diversas paralisações e desistência das duas construtoras vencedoras, o prédio de 16,9 mil metros quadrados continua sem previsão de ser concluído. A União, por meio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), já empenhou cerca de R\$ 11 milhões na obra, mas apenas 60% da estrutura está pronta até hoje.

Entre as diversas paralisações ao longo dos últimos dez anos, a última foi em setembro de 2014, quando a Lotil Engenharia, vencedora do segundo certame, realizado em 2013, pediu desistência do projeto ao desembargador Virgílio Fernandes Júnior, que tinha acabado de assumir a presidência da Corte Eleitoral, sob a alegação da necessidade de rever os custos da obra para poder prosseguir.

“Desde 1º de setembro tenho tentado junto à minha equipe reiniciar a obra, mas a Lotil alegou que a construção precisa de uma nova avaliação porque os preços aumentaram. Assinamos um contrato de comum acordo suspendendo o curso do prazo que eles teriam para concluir, de 90 dias. Vence agora em fevereiro, quando iremos sentar e definir o que fazer. Vamos analisar as mudanças e ver o que eles pedem. Só podemos prosseguir com a obra se estiver tudo de acordo com os recursos disponíveis no Tribunal de Contas da União”, explica o desembargador.

O orçamento inicial previa gastos de R\$ 9.506.259,00 para os projetos originais, execução e fiscalização, mas houve incrementos em 2010, 2013, 2014 e 2015, o montante empenhado já se aproxima dos R\$ 11 milhões. “Em construção, os valores nunca podem ser fixos”, frisa o magistrado. No início deste ano, o TSE liberou mais R\$ 395 mil para custear as alterações que estão previstas.



Obras paralisadas desde setembro de 2014 passaram por duas construtoras, seis gestões do TRE e brigas na justiça

Desde 2005

Todo o processo em torno da obra da nova sede do TRE começou em 2004, na gestão do desembargador Dúbel Cosme. Em dezembro de 2005 a licitação foi concluída, declarando vencedora a construtora potiguar A. Gaspar S/A., que iniciou as obras em maio de 2006. Durante a gestão do desembargador Cláudio Santos, período em que quase 40 % das obras estavam concluídas, começaram diversas divergências entre a construtora e o TRE, que culminaram, já na gestão do desembargador Expedito Ferreira, com a rescisão do contrato.

Durante a gestão do desembargador Vivaldo Pinheiro, devi-

do a uma auditoria realizada por engenheiros do TSE, solicitada pelo próprio tribunal, que apontou falhas nos projetos executivos e, posterior, alteração dos mesmos, um acordo foi tentado, pois a essa altura a questão se encontrava já na Justiça Federal. Fracassada a tentativa de acordo, a JF, em primeira instância, negou a pretensão da construtora A. Gaspar de anular a rescisão do contrato. Contra essa decisão, a empresa potiguar recorreu e o caso espera agora a apreciação do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5). Procurada pela reportagem, a diretoria da empresa afirmou não comentar questões sub judice.

Na gestão do desembargador João Rebouças, em 2013, iniciou-se novo processo licitatório, para o qual a cearense Lotil Engenharia concorreu sozinha e venceu. Já sob o comando do desembargador Amílcar Maia, o Tribunal assinou o novo contrato de construção, em 30 de dezembro do mesmo ano e as obras foram reiniciadas. Mas, no dia 5 de setembro de 2014 tudo parou novamente. A construtora pediu revisão de preços e custos de obra, e o TRE tem até este mês de fevereiro para chegar a um consenso. Em contato por telefone, a diretoria da Lotil Construções e Incorporações, empresa cearense, optou por não se pronunciar.



Restos de materiais da obra são acumulados no prédio inacabado



Estrutura exposta às intempéries começa a ficar desgastada



Empresa cearense Lotil venceu a última licitação em 2013, mas em 2014 as obras foram novamente paralisadas

Estrutura

O novo prédio abrigará os 531 funcionários do TRE e, principalmente, a secretaria de informática e tecnologia, grande cérebro do órgão, responsável por todo o processo eletrônico do pleito eleitoral. O prédio onde hoje funciona como sede, na Cidade Alta, foi inaugurado em 1980 e não comporta mais a demanda.

“Alguns setores que deveriam funcionar aqui estão em outro prédio da Justiça Eleitoral, como o armazenamento de urnas eleitorais, cursos e capacitações para juízes e servidores. A escola da justiça eleitoral está lá também”, explica o presidente. As garagens foram transformadas em salas, e o gabinete dos juízes hoje é dividido com os assessores. Quando há apuração das eleições, não há espaço para receber a imprensa. Os jornalistas são colocados de frente para um telão, que fica do lado de fora. A parede traseira da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é usada para projetar as imagens.

O novo prédio tem quase 17 mil metros quadrados de área e está localizado por trás do prédio Justiça Eleitoral. Planeja-se abrigar também todos os setores que atualmente estão separados da sede. “Meu desejo era inaugurar antes que meu mandato como presidente terminasse, mas não tem a menor possibilidade”, lamenta o presidente Virgílio Macedo, que deixa o cargo em setembro próximo e passa a assinar como vice-presidente da corte potiguar eleitoral, cuja presidência será ocupada pela desembargadora Maria Zeneide Bezerra.

BRASIL TEM 12% DE ALCOÓLATRAS

Psiquiatra Sérgio de Paula Ramos alerta que o maior problema no Brasil não é o consumo de crack, mas sim o de álcool, prelúdio para um processo de vício que leva até a mais devastadora droga "ilícita". Critica a falta de campanha educativa e a simpatia da mídia pela descriminalização da maconha

Por Heitor Gregório





EM TEMPOS DE CRACOLÂNDIA, de marketing excessivo em cima do assunto e até de políticos lucrando eleitoralmente com o tema, engana-se quem pensa que o crack é a droga mais consumida no Brasil. Para Sérgio de Paula Ramos, doutor em medicina pela Universidade Federal de São Paulo, especialista em Dependência Química pela Reutgers University, e em Psiquiatria pelo Instituto Nacional de Previdência Social, “promover o crack a um drama nacional tem a ver com a vontade política e econômica de distrair a opinião pública sobre a verdadeira droga que o brasileiro usa e abusa, que é o álcool”.

Segundo o médico, o álcool vitimiza 12% da população brasileira, enquanto o crack atinge 0,8%. “Crack é uma realidade dolorosa, não se questiona, mas daí a relevância epidemiológica que está sendo dada ao crack nos últimos anos eu acho que chega ao limite da má fé, pelo fato de o grande problema no que se refere às drogas no Brasil ser o álcool”, afirma Sérgio de Paula, que é membro da Associação Brasileira de Psicanálise, da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas.



Sérgio de Paula Ramos, psiquiatra referência no tratamento de dependentes químicos

Acredita que a solução para diminuir o consumo do álcool no Brasil é a mesma adotada para diminuir o número de viciados em cigarro. “Entre as causas para esse consumo exacerbado de álcool está a publicidade induzindo as pessoas a consumirem bebida alcoólica. No Brasil as crianças começam a beber com 13 anos. Isso como um subproduto da massiva publicidade que coloca no imaginário popular que não é possível se divertir sem bebida alcoólica e que toda pessoa deve consumir esse produto, e que álcool... álcool... álcool. Então, álcool é o maior problema do Brasil. As cracolândias existem? Claro que existem, mas representa 0,8% da população”, alerta

O consumo de álcool no Brasil é tão excessivo que faz o país ganhar lugar de destaque no consumo mundial de litros de álcool por pessoa, e as consequências, segundo Sérgio de Paula, são drásticas, igualmente para os viciados nas drogas consideradas no imaginário popular como “ilícitas”. “As consequências são familiares, individuais, psíquicas e orgânicas, de quem abusa do álcool. Dizem que o álcool é um solvente social. Sim, é. Dissolve famílias, empregos, a saúde física do portador. Na saúde física o que o álcool mais compromete é o aparelho digestivo, o cardíaco e o neurológico”, observa o psiquiatra.

Outro dado desconsiderado no Brasil é que o álcool é um dos fatores que mais contribuem para a violência: “O consumo excessivo de álcool no Brasil é o responsável, em primeiríssimo lugar, pelos estrondosos índices de violência que nós temos no país. Se você pegar suicídio, homicídio, violência contra crianças ou mulheres, acidentes de trânsito, desavenças de bares e restaurantes, vai constatar que 50% de todo gesto agressivo no Brasil tem o álcool por trás. Se por um passe de mágica hoje em Natal não bebêssemos, nós teríamos 50% a menos de violência”, analisa.



Descriminalizar o usuário, não a droga

No quesito descriminalização da maconha no Brasil, Sérgio de Paula é taxativo com os dados que carrega na memória. “Maconha no Brasil é usada por 3% da população. Os países que tentaram afrouxar o aparato legal da maconha, por exemplo, Portugal, dobrou o consumo não só da maconha, mas também das outras drogas. Então, a maconha não é uma droga inocente e faz muito mal à saúde, especialmente do jovem, por isso sou contra a legalização da maconha e também contra a publicidade do álcool”.



Droga barata no Brasil

“Se comparar a droga de rua no Brasil com os Estados Unidos e outros países, vai-se constatar que a droga aqui é muito barata, inclusive o álcool. Isso funciona como facilitador de consumo, principalmente para os jovens. Se o produto é barato, ele consome”, assevera Sérgio de Paula, enquanto critica o fato de setores da mídia brasileira já terem se posicionado a favor da legalização da maconha no Brasil. “A mídia brasileira está muito simpática à descriminalização. A Folha de São Paulo já se posicionou a favor da legalização da maconha no Brasil. Por que a mídia é a favor de um produto que comprovadamente faz mal? Maconha hoje é um negócio que movimenta 140 bilhões de dólares por ano no mundo. Se conseguir liberar a maconha, vai dobrar a receita disso. Então, não está discutindo ideias, nem saúde pública, mas se tratando de um comércio”.



Programa criado pela gestão Fernando Haddad, em São Paulo, inclui oferta de trabalho para tratamento de dependentes

O governo não faz

O psiquiatra é crítico à política feita pelo Governo Federal na prevenção às drogas, bem como o tratamento oferecido aos usuários pelo serviço público. “Há uma única exceção que os governos brasileiros se destacaram e muito, que é o caso do tabaco. O que se fez contra o tabagismo no Brasil é um exemplo para o mundo e deveria ser feito, por exemplo, para o álcool, proibindo a publicidade da bebida”.

Quanto ao tratamento dos dependentes químicos, diz que se observa o mesmo fenômeno do avanço da medicina no Brasil. “Você tem pontas de excelência que fazem o tratamento muito adequado e temos a massa do serviço público que se situa nos tratamentos que já eram feitos no século XIX. O que não é diferente do resto da população. Quando Dilma (presidente) fica doente ela vai para o Hospital Sírio Libanês, já seu Zé da Esquina quando, adocece, vai para o cubano que nem médico é”, critica.



Campanhas educativas já

Sobre o Programa Braços Abertos, desenvolvido pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, que inclui o fornecimento de moradia, alimentação e oferta de trabalho aos dependentes do crack, o médico afirma que não é suficiente para diminuir o número de usuários. “Crack é o final da carreira de um dependente químico. É muito raro a pessoa começar no crack. O usuário começa no álcool, parte para a maconha, depois cocaína, e aí termina no crack. Então, se eu fizer uma política consequente de diminuição de bebida alcoólica, lá na ponta eu terei menos dependentes de crack. Isso é uma política caolha. Por isso não dá resultado. Se ele fizesse uma política de não vender bebida alcoólica para o menor de idade, iria diminuir os dependentes de crack”.

Verão de quatro patas



O calor da estação mais quente do ano não incomoda apenas humanos. Os animais sofrem com a alta da temperatura e precisam de cuidados para se refrescar

Por Andrea Luiza Tavares



A NOIVA DO SOL sabe honrar sua alcinha e, principalmente no verão, Natal atinge temperaturas de até 37°, segundo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cp-tec). O calor incessante que atinge o Brasil só deixa uma solução para todos: refrescar-se! Homens, mulheres, jovens e crianças devem tomar cuidado. Mas não se pode esquecer que os amigos de quatro patas sofrem, e muito, com as altas temperaturas. Ainda mais em cidades nordestinas como a capital potiguar, onde o sol é presente o ano inteiro.

Cães e gatos não transpiram como humanos. Neles, a respiração é a forma de controlar o processo de refrigeração e manutenção da temperatura corpórea ideal, explica o oncologista veterinário José Ricardo Carvalho. Por isso, quando submetidos a calor intenso ou situações de estresse, os cães podem não ter condições de perder calor e entram em um processo conhecido como hipertermia.

O primeiro sinal de que o animal precisa de resfriamento é quando se mostra muito ofegante. “Perda de apetite, falta de ânimo e cansaço são sintomas que o animal apresenta, podendo até entrar em estado de coma”, explica José Ricardo. Esses foram os sintomas que o publicitário Ary Azevedo percebeu em seus cães Labrador, Pancho e Toro, durante uma viagem de carro. “Notei que eles estavam muito ofegantes e babando muito. Quando descobri os sintomas da hipertermia,

coloquei os cães para descansar na sombra e com água natural”, comenta.

O veterinário atenta que algumas raças de animais sofrem mais que outras. “Os cães braquicéfalos – que têm o focinho curto, como bulldogs, pugs, boxers, shitsus, entre outros – sofrem mais devido à dificuldade de respirar e perder calor”. Independente da raça ou espécie, nessa época, os animais devem ficar em ambiente agradável e sombreado, com água fresca disponível.

Gatos costumam gostar mais de água corrente, além da troca constante da água da vasilha para ficar sempre fresquinha. A solução para eles pode ser uma pequena fonte, que cabe em ambiente interno e também serve de incentivo ao consumo. Com hábitos mais caseiros, os felinos já tendem a procurar o canto mais arejado da casa. Situação bem diferente dos cães, principalmente se eles passam o tempo todo no quintal da casa ou outro ambiente externo. No caso das aves, deixe uma vasilha rasa com água, para que o pássaro possa tomar banho e se refrescar. A gaiola deve ficar sempre à sombra.

Durante o verão também é mais comum a proliferação de pulgas e infestação por carrapatos. É preciso ficar atento, pois os cães também sofrem com as picadas de insetos que, além de provocar incômodo, podem transmitir doenças como a leishmaniose. “É fundamental procurar um veterinário de confiança para receitar preventivos”, indica o oncologista veterinário.





Douglas Bessa, dermatologista veterinário



José Ricardo Carvalho, oncologista veterinário

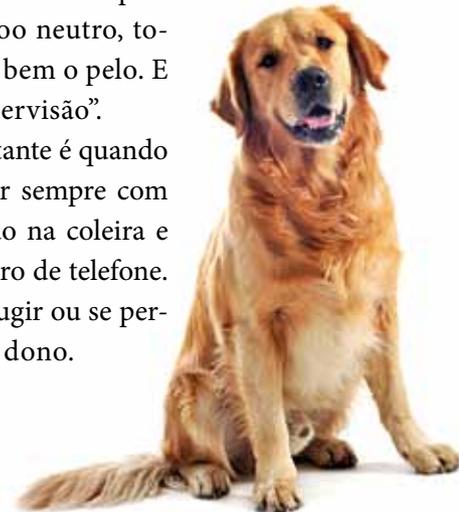
Prevenção ao câncer

O veterinário José Ricardo chama a atenção dos donos de cães e gatos para o câncer de pele, pois vem aumentando e virando rotina nas clínicas veterinárias. “É um problema muito sério, mas que pode ser evitado com a prevenção”. O dermatologista veterinário Douglas Bessa sugere a prevenção da patologia. “Evitar exposição solar entre 10h e 16h, usar protetor solar nas orelhas, barriga e nariz, não utilizar produtos químicos cancerígenos na limpeza de canis e proporcionar uma visita rotineira a um médico veterinário para a avaliação frequente da saúde do animal”.



Explica sobre cuidados que se deve ter em levar o pet para curtir o calor. “Se for levar pra praia ou piscina, seguir orientações do veterinário. Após os banhos tem que usar produtos específicos para cuidar da pele dos animais. Tirar o cloro ou sal da pele do animal e usar shampoo neutro, tomando cuidado de secar bem o pelo. E nunca deixá-los sem supervisão”.

Outro dado importante é quando levá-los para passear. Sair sempre com plaquinha de identificação na coleira e no guia, constando número de telefone. No caso de o seu amigo fugir ou se perder, será fácil localizar o dono.



O BLOG 'CACHORRO VERDE' DÁ DICA DE COMO REFRESCAR O AMIGO NO VERÃO

Sorvete caseiro para cães

 Pedacos de fruta sem sementes (abacaxi, morango, melão, laranja, manga etc). O suficiente para encher uma bandeja de gelo.



 Um pouco de água – apenas para ajudar a liquidificar a fruta, assim o sorvete fica mais homogêneo, encorpado e mais saboroso!



 Uma bandeja de gelo – para dar forma aos sorvetinhos!



1 Pique a fruta escolhida em pedaços e descarte as sementes e caroços.

2 Bata no liquidificador. Adicione água se necessário para ajudar a liquidificar a fruta.

3 Despeje o líquido em uma bandeja de gelo de modo a preencher cada espaço e leve ao freezer. Deixe lá até congelar.

4 Depois de pronto é só servir ao seu amigo!

Neste verão, dê água a um animal de rua

Para evitar que os cães e gatos de rua sofram com o calor, foi criada uma campanha nas redes sociais que incentiva as pessoas a darem água aos animais no verão, e faz uma alerta para as necessidades especiais nesse período. O apelo de solidariedade está sendo compartilhado por grupos de proteção animal no Facebook. Com o nome “Neste calor, dê água a um cachorro de rua”, a campanha alerta que os animais morrem mais em decorrência do calor do que do frio.





Evite passeios e esforços físicos em dias quentes e úmidos



Não deixe o animal preso dentro do carro, mesmo com vidros abertos



Não deixe o animal em ambientes fechados ou sem acesso à sombra e água fresca





Não dê banhos com água quente e secadores quentes no verão

Não submeta o animal a situações de estresse psicológico que o deixem ofegante por medo ou insegurança





A elegante de Copacabana

Mulher alta e de gosto estético apurado, mineira educada na tradição da alta sociedade carioca, Magaly Fonseca ditou moda e modos por quatro décadas nos salões da capital potiguar. Movimentou o jet-set, amiga de famosos, como Raul Cortez. A vida intensa foi vencida pelo vício do cigarro

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Álbum de família

FINALZINHO DA DÉCADA DE 40, a tradicional família mineira Coelho, da cidade de Varginha, interior de Minas Gerais, muda-se para o Rio de Janeiro, então capital do país. O médico Hélio Jonas Coelho, a mulher Olga e os dois filhos, Magaly e Cláudio, fixaram residência na badalada Avenida Rainha Elizabeth da Bélgica, que começa quase no final da Avenida Atlântica, na altura do Posto 6, e termina na Avenida Vieira Souto, em Ipanema.

Família que preservava a fé no catolicismo, os pais tratavam Magaly como uma princesinha, educada exclusivamente para casar com um bom partido. Nessa época, a bela jovem de olhos verdes, alta e loira, estudava em tradicional colégio de freiras, ao lado de moças das famílias quatrocentonas cariocas. Desde pequena dizia a que veio, de personalidade forte e muita atitude. Em 1952, o Rio de Janeiro fervia, a era do rádio tomava conta do Bra-

sil, o glamour imperava nos bailes e festas. Foi nesse ano que ela conheceu o seu grande amor: o engenheiro potiguar Edilson Fonseca.

Ele morava na mesma avenida e, coincidentemente, na casa em frente à da moça dos olhos de esmeraldas. Num certo dia, a família Coelho decide fazer uma festa em sua residência. Magaly não perdeu tempo e convidou o engenheiro. Os dois já tinham trocado olhares ao se encontrarem na rua. E foi nessa noite que tudo começou, mas precisava da aprovação do pai, o médico Hélio Coelho, homem sisudo e radical em suas ideias.

Para aprovar o namoro da filha, mandou investigar a vida do engenheiro no Rio Grande do Norte e saber de toda a sua linhagem. Depois de obter as informações,



Aos 16 anos, no dia de seu casamento

aprovou o romance. Foram dois anos de namoro. No dia 14 de abril de 1954, o casal sela matrimônio na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. O casamento foi sua carta de alforria, pois a convivência com seu pai não era nada fácil.

Tempos de locomotiva

Casou-se aos 16 anos. A partir de então começava uma nova vida. Dessa vez no estado do Piauí, onde Edilson assumiu o cargo de diretor da estrada de ferro. No começo foi suplício para a loira de Copacabana. Criada na zona sul carioca, viu-se de repente em um estado pobre do Nordeste, na época era um pequeno arraial. O casal, porém, não passou muito tempo. Mudou-se para o Rio Grande do Norte. A bela mineira de alma carioca, Magaly Coelho Fonseca, foi apresentada à sociedade em uma grande festa no tradicional Clube América. Alta, de perfil nobre e elegância singular, ganhou rapidamente a simpatia dos natalenses abonados.

Não demorou para ser eleita entre as locomotivas de Natal. Locomotiva era o jargão criado pelo concorrido colunista Ibrahim Sued, do Rio, em reverência às belas e vanguardistas mulheres das altas rodas nos anos 1970. De espírito reluzente e alma cosmopolita, Magaly amava pilotar festas em sua residência. Carnaval era a sua festa preferida. Nesse tempo o ator Raul Cortez sempre visitava Natal, a convite da cunhada de Magaly, a esfuziante Elenir

Fonseca. O ator e a locomotiva estreitaram amizade, pois ambos tinham gostos e ideias parecidas. O veraneio era outra de suas paixões, na ainda intacta praia de Ponta Negra.

Em 1956 nasceu a primeira filha de Magaly e Edilson, a quem deram o nome de Priscila. Depois vieram Carla e Ricardo. Os anos seguem e o casal Fonseca já figurava em todas as colunas sociais do Estado. O engenheiro e a loira de Minas.

No âmbito da política, tinha amizade e adoração pelo casal Anita Catalão e José Agripino Maia. Era Jajá (termo usado na campanha de governador de José Agripino) “doente”, como o potiguar costuma relacionar admiração e fidelidade por alguém ou a algum time de futebol.

“Mamãe era a relações públicas da família, para tudo minha mamãe ia, não perdia um evento, de missa de sétimo dia a batizado, ela se fazia presente. Outra grande característica dela era a não cerimônia, tanto fazia rico ou pobre, ela tratava do mesmo jeito”, resume a filha Priscila Fonseca, hoje advogada conceituada, atual presidente da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica do RN.



Raul Cortez, Magaly, Tarzia Barbalho e Edilson Fonseca



As locomotivas Denise Gaspar e Magaly Fonseca



Anita Maia, uma de suas grandes amigas

O estilo

Vaidosa, Magaly imprimiu sua marca e o bom gosto entre as mulheres de Natal. Tinha um estilo próprio de se vestir. Do clássico ao extravagante, usava *tailleur*, mas amava roupas e acessórios com estampas de bichos, numa época em que nem se falava em animal print.

Não gostava de nada delicado ou discreto. Suas joias eram extravagantes e poderosas, sempre com pedras grandes e bichos desenhados. A persona Magaly Fonseca fascinava até os gays, ao longo de sua vida teve muitos amigos homossexuais, pois preconceito era palavra ausente no seu vocabulário.

A única coisa que foi proibida a Magaly pelo esposo era o uso de perucas. Numa época em que as mulheres usavam bastante. Certa vez deixou de ganhar um carro novinho em folha pela teimosia de usar cabelos falsos.

Na década de 80 abriu uma boutique na Rua João Lindolfo, no chique bairro do Tirol, e deu o nome de “Questão de Gosto”, afinal, gosto não se discute. Loja dedicada às mulheres de fino trato da cidade. Antenada e com o famoso feeling, sabia perfeitamente o que dava certo em suas clientes. Era ótima como personal style, mas na parte burocrática não decolou. Algum tempo depois a loja fechou e deixou órfãs suas clientes e amigas.

“Mamãe adorava enfeitar suas amigas e clientes, mas no administrativo era zero”, conta, rindo, a filha Carla Fonseca.



O jogo

Um dos grandes hobbies do casal Coelho Fonseca era o jogo de cartas. Edilson e Magaly comandavam as famosas mesas de jogo na cidade, a residência da família se transformava em um verdadeiro cassino. O pano verde começava na sexta e durava o fim semana todo. Os jogadores eram outros casais da sociedade e as apostas, muito altas. Mas tudo era acordado antes, para garantir a diversão de todos.

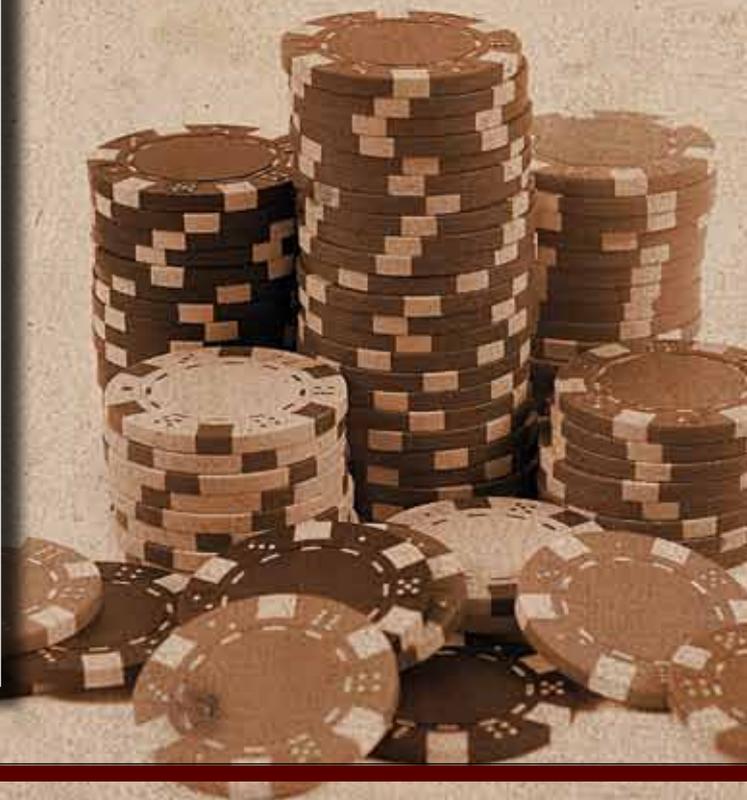
“

Magaly era uma mulher muito impulsiva, fazia sempre o que queria. Foi a mulher da minha vida”

Edilson Fonseca, viúvo



Casal Fonseca movimentou *jet-set* potiguar



O vício

Um dos costumes que Magaly adquiriu em Natal foi o gosto pelo cigarro, já liberta das imposições do pai. Era comum ver as senhoras da sociedade fumarem, então cheias de charme. Magaly consumia de quatro a cinco maços de cigarros por dia. Assim como muitos, tinha como sua válvula de escape para os problemas.

A família e os amigos imploravam para que deixasse o vício, mas ela não dava ouvidos. Certa noite, o marido Edilson acorda e vê sua esposa sentada em uma cadeira, com dificuldade de respirar. A partir daí começa sua penitência. Exames realizados constataram

enfisema pulmonar. Ela embarcou para tratamento em São Paulo. Alcançou a graça da cura. Nesse período, não abandonou o mau hábito de fumar. Chegou a mentir dizendo que o médico tinha liberado.

Passaram-se sete anos, Magaly brincou com a sorte e teve outra recaída. Dessa vez sem retorno. Foi internada no Hospital Papi, onde passou um mês. Perdeu a luta contra o câncer no dia 31 de julho de 1999, aos 62 anos.

“Magaly era uma mulher muito impulsiva, fazia sempre o que queria. Foi a mulher da minha vida”, discorre o viúvo Edilson Fonseca.



SEXO FRÁGIL? COISA NENHUMA!

Pela primeira vez a segurança pública no Rio Grande do Norte é comandada por uma mulher. A delegada Kalina Leite assume o ineditismo no momento em que os índices de violência crescem sem controle, diante de uma secretaria degradada ao longo dos anos. Defende que a política de segurança não pode ficar atrelada à LRF

Por Octávio Santiago

Fotos: Sueli Nomizo



ASSIM QUE O NOVO governador do Rio Grande do Norte, Robinson Faria (PSD), reuniu os primeiros nomes para compor o alto escalão da sua gestão à frente do Governo do Estado, o dela foi logo incluído na lista. Decisão que contou com o aval da opinião pública e também daqueles que seriam brevemente seus subordinados. Com a nomeação publicada no Diário Oficial do Estado, a delegada Kalina Leite Gonçalves ficava diante dois desafios: o de ser a primeira mulher da história a comandar a secretaria estadual potiguar da Segurança Pública e da Defesa Social e o de sanar os (muitos) problemas relacionados à pasta.

A lista de dificuldades é extensa. Em 2014, o RN teve o maior crescimento de taxa de homicídios do Brasil. Uma das razões está no fato de as polícias Civil e Militar sofrerem defasagens de até 70% nos seus quadros. “A política de segurança não pode ficar atrelada à Lei de Responsabilidade Fiscal”, defende a secretária, que não hesita

quando o assunto é a cessão de policiais: “É um dano dobrado, porque, além da gente perder esse policiais, ainda pagamos para ele trabalho em outro poder”. A Kalina, ainda compete a palavra final sobre o Corpo de Bombeiros e o Instituto Técnico-Científico de Polícia (Itep).

Porém, o currículo da delegada é igualmente amplo. Ela é especialista na Elaboração e Gestão de Projetos em Segurança Pública, integrou o Grupo de Coordenação na Área de Segurança Pública dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e colaborou com a implantação das unidades de polícia pacificadoras, as UPPs, também no Rio de Janeiro. Tanta experiência a deixa segura, mesmo diante da missão de comandar mais de 15 mil homens: “o que eu digo sempre é que o respeito da gente não se dá em razão do gênero, mas em razão da história de trabalho que a gente constrói”, afirma Kalina, 43 anos, vaidosa “na medida certa” e pronta para confirmar a teoria do cantor e compositor Erasmo Carlos de que “a força está com elas”.

Algozes e vítimas

Etnia parda, média de 26 anos de idade e poder para suar arma de fogo. É esse o perfil, em média, daqueles que cometeram assassinatos no Rio Grande do Norte no mês de janeiro de 2015. O levantamento, realizado Secretaria de Estado de Segurança Pública e da Defesa Social (Sesed), por meio da Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal (Coine), mostra que, na maioria das vezes, o infrator age motivado por demanda de rixas, de débitos ou por controle e posse. O estudo também traçou as principais características das vítimas. Em sua maioria, são jovens que têm de 18 a 22 anos, com predominância de cor parda com tendência à negra.

Onde e como

Segundo a pesquisa da Sesed, os crimes costumam acontecer em locais onde a estrutura de segurança é falha, principalmente no que se refere aos serviços básicos, como iluminação pública, e próximos a terrenos baldios ou áreas abandonadas. Normalmente, o assassino utiliza a motocicleta como veículo para efetuar os crimes, de forma, acompanhada.

REVISTA BZZZ: Qual é o peso de ser a primeira mulher a senta nesta cadeira?

KALINA LEITE: A minha vida toda foi com grande responsabilidade. Eu casei com 17 anos e um casamento para uma pessoa de 17 anos é de uma responsabilidade sem precedentes. Comecei a trabalhar muito cedo. Fui morar no Rio de Janeiro, onde fiz faculdade, também muito jovem. Eu acho que a minha vida é pautada por desafios. Já tinha assumido a Secretaria interinamente algumas vezes quando fui adjunta em 2003 e isso me deu tranquilidade e conhecimento para encarar essa missão. É bem verdade que a realidade de hoje é muito diferente.

RB: Quais são as maiores diferenças de lá para cá?

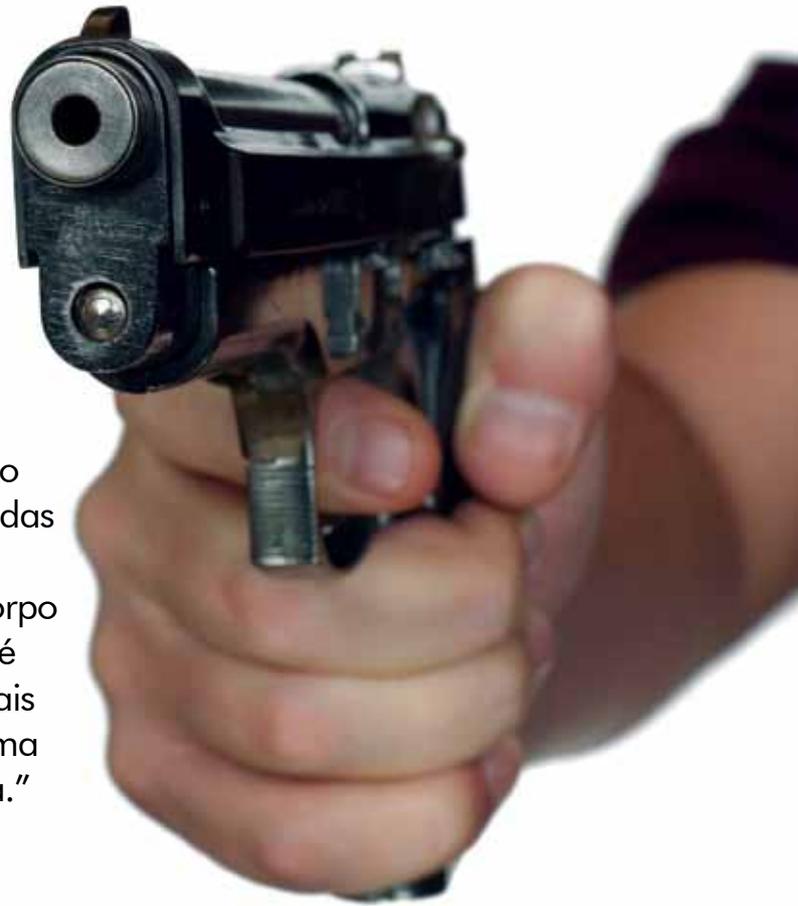
KL: Eu acho que a criminalidade. O perfil dos delitos que estão sendo cometidos hoje. Por exemplo, o perfil do adolescente em conflito com a lei há 10 anos era um, hoje o perfil é outro. A modalidade dos crimes... O crime organizado é hoje muito mais organizado do que antigamente. As ferramentas tecnológicas que a segurança pública precisa ter para desempenhar seu trabalho não se faziam necessárias no passado. Os criminosos evoluíram no uso desses equipamentos.

“
Todo o trabalho administrativo das polícias Civil e Militar e do Corpo de Bombeiros é feito por policiais e isso não é uma coisa moderna.”

RB: Como você encontrou a Secretaria de Segurança Pública?

KL: Infelizmente mais degradada do que quando eu passei por aqui em 2003. Até porque, por incrível que pareça, o efetivo hoje é menor do que em 2003. Não tem acontecido a reposição das polícias. A Polícia Militar sofre de uma deficiência de 35%. Já na Polícia Civil, a deficiência é de 70%. Hoje, a Polícia Civil só trabalha com 30% do efetivo e grande parte já apta a se aposentar. Sem falar que todo o trabalho administrativo das polícias Civil e Militar e do Corpo de Bombeiros é feito por policiais

e isso não é uma coisa moderna. Na Polícia Federal, por exemplo, a emissão é uma atividade meramente administrativa e não policial. A gente precisa juntar Ministério Público, Poder Judiciário, Tribunal de Contas do Estado, para todos terem consciência de que o sistema de segurança precisa ser tratado de forma diferente. A política de segurança não pode ficar atrelada à Lei de Responsabilidade Fiscal. Quanto às ferramentas tecnológicas, nós até dispomos de algumas ferramentas interessantes, mas não adianta tê-las se a gente não tem pessoal.



RB: É esse o maior problema da Segurança Pública hoje no Rio Grande do Norte? A falta de pessoal?

KL: Hoje eu diria que o sistema de segurança passa por dois grandes problemas: o de recursos humanos e a transversalidade da atuação do sistema de segurança, porque ele não pode ser só. O município tem que ser parceiro do Estado, afinal de contas segurança pública “é dever do Estado e responsabilidade de todos”. Então, hoje, mais do que nunca, os municípios precisam estar bem alinhados com a política de Segurança Pública. É muito importante a participação de outros setores como Educação, Lazer, Cultura, a própria iluminação pública, saneamento... Eu diria que mesmo com o efetivo completo, se a gente não tiver essas áreas em dia, políticas de prevenção nas comunidades, nós ainda não teríamos êxito.

RB: Então defende a convocação dos concursados e a realização de outros concursos em curto prazo?

KL: Se formos falar da questão legal, nós sabemos que há vedações legais. O chefe do executivo está proibido por lei de contratar o concurso em razão do limite prudencial. Porém, já abrimos contato com o Tribunal de Contas e a

gente precisa fazer uma avaliação do sistema de segurança, que na verdade é um verdadeiro colapso. Uma polícia judiciária e uma polícia investigativa não podem ser eficazes com menos de 30% na atividade afim, já que há servidores licenciados, de férias, cedidos...

RB: A decisão de solicitar o retorno desses policiais cedidos partiu da senhora?

KL: Partiu sim, com a consciência do governador, que autorizou essa solicitação aos poderes, às outras secretarias, da devolução dos servidores, porque o número já é muito deficiente.

RB: Já temos números dessa devolução?

KL: Nós estamos contabilizando essa devolução, que ainda é muito pequena. Na Polícia Militar, por exemplo, é em torno de 800 policiais militares. Na Polícia Civil, é menor, porque há uma limitação legal. O próprio Estatuto estabelece o percentual. O que é muito grave é que o Poder Executivo cede esses policiais com ônus para o próprio Poder Executivo. É um dano dobrado, porque, além da gente perder esse policial, ainda pagamos para ele trabalhar em outro poder, quando eles têm o seu orçamento próprio.

“
A política de segurança não pode ficar atrelada à Lei de Responsabilidade Fiscal.”



“

O que é muito grave é que o Poder Executivo cede policiais com ônus para o próprio Poder Executivo.”

RB: Durante a gestão da governadora Rosalba Ciarlini, foi notificada a devolução de recursos do governo federal destinados à Segurança Pública por falta de projetos e em razão do não cumprimento de prazos. Já se sabe quanto foi devolvido?

KL: O custeio da segurança pública é muito alto. Ao longo do tempo, ficamos sabendo de recursos que não foram executados e tiveram que ser devolvidos, mas o número exato não foi repassado nem nos relatórios da transição. Tivemos reuniões com o ministro da Justiça (José Eduardo Cardozo) - eu, o governador, a secretária nacional de Segurança Pública (Regina Miki) e a senadora Fátima Bezerra - e houve o compromisso deles de o que foi pactuado nos convênios ser repassado. Nós sabemos das dificuldades que o Estado atravessa e estamos contando com o repasse desses recursos do Governo Federal para a área de investimento da Segurança Pública. De fato, o que eu espero é que haja esse repasse, pois, se acontecer, nós já teremos trabalho o ano inteiro.



“

Vamos tratar de recuperar a autoestima dos policiais. Outra coisa importante é que a sociedade precisa confiar na polícia. É o momento de um resgate mútuo.”



RB: A senhora integrou a equipe de segurança dos Jogos Pan-americanos do Rio, em 2007, e possui outras experiências como essa fora do estado. O que foi visto lá que pode ser trazido para o RN?

KL: Eu acompanhei a implantação das unidades de polícia pacificadora, as UPPs, no Rio de Janeiro, que coincidiu com o período do Pan e fui chamada para colaborar com a segurança. Agora, depois de oito anos, nós estamos vendo que a polícia sozinha não tem o resultado que a gente deseja na criminalidade. Hoje, elas estão em um processo de desgaste pela ausência de outras políticas públicas. Foi muito boa a experiência porque lá eu tive a oportunidade de conhecer mais sobre a aplicação de ferramentas de tecnologia de informação e, principalmente, de planejamento.

RB: Quando é que os potiguares vão poder constatar nas ruas que houve uma mudança na política de segurança pública?

KL: Essa mudança não é de um dia para o outro. Tudo o que acontecia no dia 31 de dezembro continua acontecendo. Os agentes de segurança são os mesmos, as ferramentas de segurança são as mesmas. A gente vai tentando algumas conquistas ao longo do tempo. Num primeiro momento, havia uma necessidade do potiguar de ver o policiamento na rua e, por isso mesmo, fomos buscar os caminhos para colocá-los de volta às ruas. Agora, vamos tratar de recuperar a autoestima dos policiais. Outra coisa importante é que a sociedade precisa confiar na polícia. É o momento de um resgate mútuo.

RB: A Polícia é um lugar masculino?

KL: (risos) Eu diria que é assexuado. Eu acho que a polícia é um ambiente de homens e mulheres que gostam de desafios, que são corajosos, que gostam de missões.

RB: E estão prontas (missões) para recebê-las de uma mulher?

KL: Sim, nunca tive problema em comandar nenhuma delegacia, em entrar em qualquer batalhão ou quartel. Eu sempre fui muito bem recebida. O que eu digo sempre é que o respeito da gente não se dá em razão do gênero, mas em razão da história de trabalho que a gente constrói.

RB: A senhora se considera vaidosa?

KL: (risos) Eu diria que na medida certa!

OCTÁVIO SANTIAGO



Sem escalas

Já está em atividade o voo direto entre as cidades de Recife (Pernambuco) e Buenos Aires (Argentina). As saídas acontecem sempre aos sábados e os retornos, aos domingos. Cada trecho custa em média US\$ 320. A viagem dura pouco mais de cinco horas.

Ela é demais

Com ingredientes selecionados e receitas próprias sinônimas de deleites, a chef Milla dos Santos dá ao veraneio do litoral ao norte de Natal um sabor simplesmente especial. No seu Oustau Bistrot, na rua principal da praia de Pitangui, ela abre as portas para mais um verão, recebendo pessoalmente os clientes com as suas criações surpreendentes.



COM EXCLUSIVIDADE

Dono de um litoral com quase quatrocentos quilômetros de extensão, o Rio Grande do Norte ainda conserva muitas praias praticamente desertas. Selecionamos alguns desses lugares quase intocados, que são comumente desconhecidos até mesmo por potiguares, mas que possuem cenários paradisíacos para serem desbravados antes do fim do verão.

Ponta do Mel



Upanema



No município de Areia Branca, já na divisa com o Ceará, as praias de Upanema e da Ponta do Mel se enquadram nesses critérios. São 240 quilômetros de Natal, a capital, até lá. O caminho é off road.

Dois em um

Destinos já operados pela Arituba Turismo, Dubai (Emirados Árabes) e Japão agora serão ofertados juntos no mais novo pacote da agência. Com saída marcada para abril, a proposta eclética inclui passeios em templos, centro comercial, jardins japoneses, montanhas vulcânicas, parque temático, safári e jantar árabe no deserto.



Também no litoral norte do RN, a praia de Galinhos é o cenário do Estado que mais se aproxima com uma ilha. Tanto que o seu acesso mais comum é a barco. A distância entre Natal e esse paraíso é de 160 quilômetros.

Galinhos



Malembá



Já no litoral ao sul de Natal, Malembá é um desses lugares. São sete quilômetros de vegetação selvagem, areia e mar. Ah, e alguns carros 4x4. Isso porque, a 60 quilômetros de Natal, a praia potiguar de maior extensão é um dos acessos à badalada praia da Pipa.

Turismo em pauta

Falta pouco para a sexta edição do Fórum de Turismo do Rio Grande do Norte, que acontece nos dias 19 e 20 de março, no Centro de Convenções de Natal. Convidados destaques no Brasil e cases do sucesso local na programação. Uma oportunidade única também para pechinchar produtos e serviços de turismo.

Outro cenário semi-deserto na mesma direção é a praia de Sagi, a última antes da Paraíba. A vilinha de pescadores a 100 quilômetros da capital tem ganhado uma ou outra pousada, mas ainda conserva ares sossegados, ideais para a contemplação.

Sagi





EM VEZ DE EMPRESA. COOPERATIVA.
EM VEZ DE ACIONISTAS,
COOPERADOS.
EM VEZ DE UM PLANO QUALQUER. UNIMED NATAL.

A diferença da Unimed Natal para outros planos de saúde é uma questão de formação: nós somos médicos. Para nós, a saúde vem antes de tudo. O plantão vem antes do descanso.

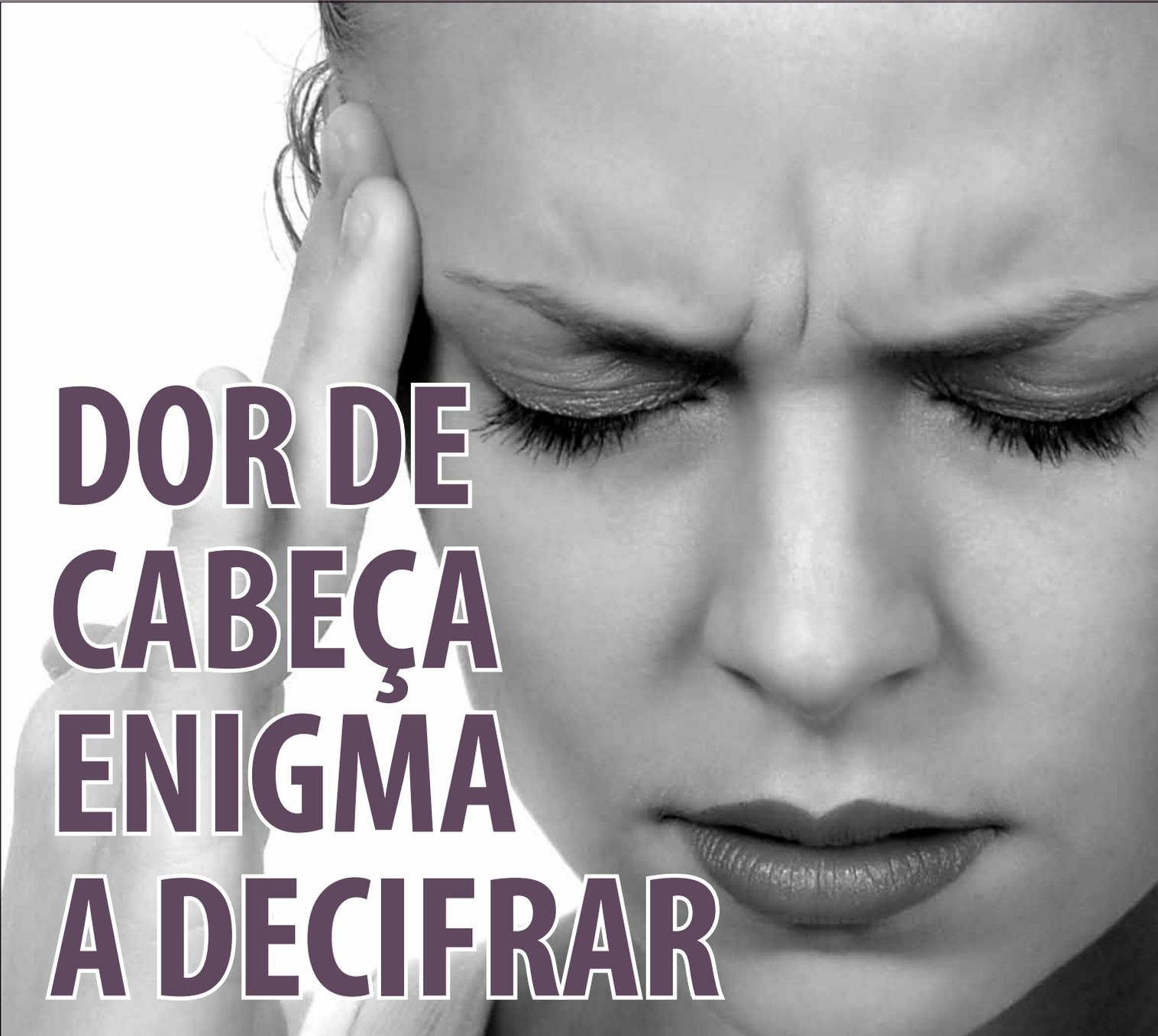
Mais que uma filosofia de vida. Aqui na Unimed Natal, somos 1404 médicos pensando exatamente desse jeito. Foi assim que criamos uma cooperativa única. Feita para cuidar de você, como só um médico sabe fazer.

www.unimednatal.com.br

ANS - nº 33559-2

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Unimed 
Natal



DOR DE CABEÇA ENIGMA A DECIFRAR

Cerca de 13 milhões de brasileiros sentem dor de cabeça, diariamente. Número maior que em outros países, como os Estados Unidos. Dados apontam que 98% das mulheres e 95% dos homens já tiveram ou terão dor de cabeça pelo menos uma vez na vida.

Por Roberto Campello



QUEM NUNCA SENTIU UMA DOR DE CABEÇA – nem que seja leve e passageira – que atire a primeira pedra. Crianças, jovens, adultos e idosos são afetadas constantemente por algum tipo de dor de cabeça. Estudos realizados pela Sociedade Brasileira de Cefaleia apontam que 98% das mulheres e 95% dos homens já tiveram ou terão, pelo menos uma vez, dor de cabeça na vida. Diariamente, são treze milhões de brasileiros que apresentam dores nessa região. Um número maior do que o encontrado em outros países, como os Estados Unidos, por exemplo. Os dados são preocupantes e apontam, ainda, que 70% das mulheres e 50% dos homens brasileiros apresentam pelo menos um episódio de cefaleia por mês.

Quando as dores de cabeça são freqüentes, elas são chamadas de cefaleias crônicas diárias. Isso acontece normalmente quando esta dor de cabeça acomete a pessoa no mínimo 15 dias por mês, há pelo menos três me-

ses. Ou seja, a pessoa sente dor dia sim, dia não, ou mesmo diariamente. As cefaleias crônicas (primárias) mais comuns são a cefaléia tensional e, principalmente, enxaqueca.

O neurologista Djacir Dantas, membro da Sociedade Brasileira de Cefaleia, explica que a cefaleia – a tradicional dor de cabeça – é autoexplicativa, mas existe uma classificação internacional que aponta, pelo menos, 300 tipos diferentes de dor de cabeça, subdivididas em dores de cabeça primárias, secundárias e neurológicas. As primárias – a maioria das cefaleias – não são sintomas de outras doenças. “A dor de cabeça é a doença que a pessoa tem”, diz o especialista.

“Elas não têm um marcador biológico. Não existe nenhum exame que confirme, por exemplo, que a pessoa tem enxaqueca. Essas dores de cabeça são identificadas por características que elas têm. Mas, às vezes, é necessário fazer exames, para descartar dores de cabeça secundárias”, explica o neurologista.



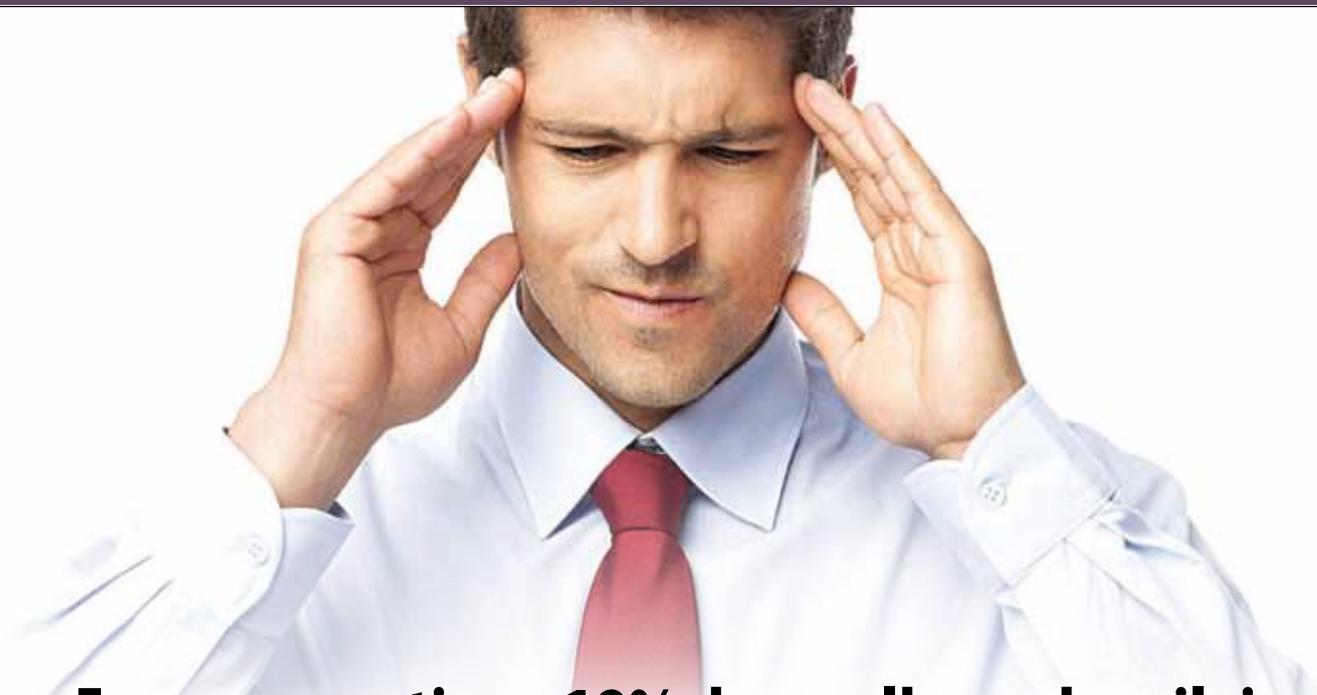
Segundo o especialista, algumas pessoas têm base genética (propensão) para desenvolver as dores de cabeça primárias. No entanto, fatores ambientais podem ser gatilhos para desencadear uma crise. É comum as mulheres terem enxaquecas no período menstrual, porque a variação de hormônio que acontece nesse período funciona como gatilho para a crise. Dormir pouco ou demais, comer chocolate, muita exposição ao sol e não se alimentar na hora certa também podem ser fatores para se iniciar uma crise. “O estilo de vida da pessoa pode influenciar na frequência com que ela tenha as dores de cabeça”, destaca Djacir Dantas.

Explica sobre outro tipo de cefaleia, rara, mas bastante intensa. É a cefaleia em salvas, que ocorre mais no homem que na mulher (o inverso da enxaqueca), e tem uma duração mais curta da crise de dor de cabeça, chegando a até três horas, porém bem mais intensa que uma enxaqueca. Ela acontece ex-

clusivamente em um lado da cabeça, acompanha lacrimejamento, olho vermelho, queda da pálpebra do lado da dor e o comportamento durante a crise é de agitação, enquanto na enxaqueca o paciente prefere deitar-se.

Já as cefaléias secundárias são aquelas em que a dor de cabeça é sintoma de outra doença. Por exemplo, dor de cabeça pode ser sintoma de uma sinusite. Djacir Dantas explica ainda que quem tem enxaqueca tem a mesma probabilidade de ter um aneurisma do que quem não tem. “O aneurisma normalmente não dá nenhuma dor de cabeça até que ele rompa. Quando isso acontece, o paciente sentirá uma dor de cabeça muito forte, seguida de outros sintomas. Por isso toda dor explosiva tem que ser investigada”, alerta.

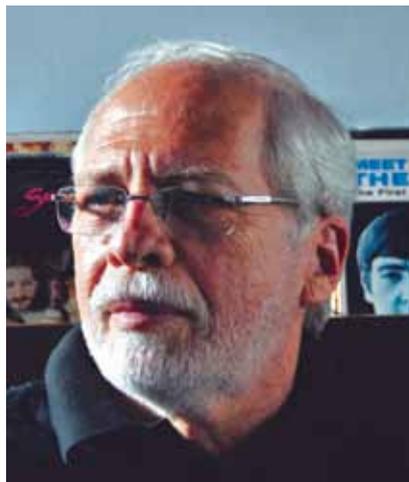
Mas nem tudo está perdido, garante o médico. Se você tem dores de cabeça frequentes, há mais para ser feito do que somente controlar as crises quando elas ocorrem. É possível reduzir a frequência e a intensidade das crises e torná-las mais responsivas aos medicamentos, por meio de um tratamento preventivo. “A maioria dos pacientes obtém melhora significativa dentro de poucos meses”.



Enxaqueca atinge 18% das mulheres brasileiras

A enxaqueca é um tipo de dor de cabeça com característica definida e a segunda com maior incidência – ficando atrás apenas das dores de cabeça do tipo tensional, que são mais fracas e episódicas. O neurologista Djacir Dantas explica que para diagnosticar uma pessoa com enxaqueca não basta apenas a dor de cabeça como sintoma, mas várias características (critérios diagnósticos) que a caracterizam como uma doença neurológica crônica, incapacitante, que atinge 18% das mulheres brasileiras e 6% dos homens. “É comum a enxaqueca atrapalhar a vida das pessoas”.

A prevalência da enxaqueca nas mulheres aumenta durante o período fértil, reduzindo-se após a menopausa. Uma das cefaleias mais importantes na mulher é a enxaqueca menstrual, ou seja, a



Djacir Dantas, médico neurologista

enxaqueca que ocorre antes, durante ou imediatamente depois da menstruação. Entre 60 a 70% dos casos, as cefaleias são relacionadas ao ciclo menstrual. O neurologista explica que a enxaqueca relacionada à menstruação começa na menarca (idade da primeira menstruação da menina) em 33% das mulheres.

Os sintomas da enxaqueca são dores latejantes de um lado da cabeça – embora possa acontecer dos dois lados –, de moderada a forte intensidade, incômodo com a luz e o barulho e enjojo. Além disso, podem ocorrer alterações na vista como pontos luminosos, escuros, linhas em zig-zag que antecedem ou acompanham as crises de dor. Uma crise comum dura de quatro horas a três dias.

A frequência das crises de enxaqueca varia de pessoa para pessoa. Um paciente pode ter uma crise de seis em seis meses, já outro pode ter uma crise duas vezes por semana. Para o primeiro caso, o tratamento será com um medicamento que controle as crises, e no segundo será necessário um tratamento de prevenção das crises, para tentar controlá-las.

Toxina botulínica contra crises

O médico explica que dificilmente alguém começa seu quadro de enxaqueca com dor diariamente, até porque a enxaqueca se inicia entre a infância e a juventude, e começa com crises mais esporádicas. Muitas vezes as pessoas acreditam que essas crises são normais e se automedicam. Para muitos, as crises sempre serão espaçadas, mas para outros elas tendem a aumentar de frequência. Para as mulheres, em razão de mudanças hormonais, como gestações e menopausa, as enxaquecas crônicas são bastante frequentes.

O principal tratamento da enxaqueca, segundo o neurologista, é o tratamento preventivo, pois no cérebro acontece um disparo excessivo dos neurônios do sistema de dor, que com os tratamentos passam a ficar equilibrados. Ele explica que cada caso é particular, mas muitos medicamentos podem ser utilizados, como neuromoduladores (anticonvulsivantes), antidepressivos, betabloqueadores. Além disso, hoje, novas opções como a toxina botulínica podem ser utilizadas em alguns casos selecionados.



Não à automedicação

Diante de uma crise de dor de cabeça – ou até mesmo de enxaqueca –, é comum as pessoas recorrerem a analgésicos, aumentando as doses, até procurar um especialista. Quando isso acontece, muitas vezes, a dor já é diária e a lista de analgésicos que já não resolvem é grande.

Isso acontece, explica Djacir Dantas, porque a demora em procurar um especialista retarda o diagnóstico e o tratamento correto. Muitos banalizam a dor, acreditam na automedicação ou desconhecem que existe tratamento para enxaqueca. O uso excessivo de medicações analgésicas é hoje uma das principais causas da enxaqueca crônica.

Os analgésicos são medicações necessárias e excelentes para o tratamento das crises de dor aguda, explica o médico. No entanto, ele alerta para a forma indiscriminada com que se usa, sem um diagnóstico e orientação médica adequada. O organismo vai se acostumando ao medicamento de uso contínuo e perde, cada vez mais, seus próprios mecanismos de regular a dor.

O uso excessivo de medicamento gera um tipo de dor de cabeça secundária, chamada de cefaleia associada ao uso excessivo de sintomáticos. “Se a pessoa tem muita dor de cabeça

e começa a tomar muitos medicamentos, estes remédios podem fazer com ela fique com mais dor de cabeça ainda. Eles dão alívio no momento, e isso torna-se um círculo vicioso”.

“E sem o analgésico, a dor vem mais forte, e mais analgésico precisa ser utilizado. É um ciclo vicioso e perigoso, muitos pacientes têm que ser desintoxicados, ou seja, todos os medicamentos utilizados são suspensos para que o tratamento que vai prevenir a dor crônica funcione. Analgésico não foi desenvolvido para uso contínuo”, ressalta.

Dor de cabeça crônica se trata com medicações chamadas preventivas, que, tomadas diariamente, vão evitando que as dores sejam tão frequentes e não fiquem intensas. Com o auxílio de um es-

pecialista, o preventivo é indicado caso a caso, após avaliação detalhada de cada paciente. “Esse tratamento não é feito com analgésico, e sim com outras substâncias que dão um excelente resultado na redução da frequência e intensidade da dor”, detalha o neurologista. O tratamento dura, pelo menos, um ano.

A maioria dessas medicações é tomada via oral, mas também pode ser compartilhada com acupuntura, orientações de rotinas e exercício físico regular e, mais atualmente, da toxina botulínica, já que seu uso foi recentemente indicado especialmente para pacientes com enxaqueca crônica.



Sinal amarelo

A dor de cabeça constante, ou mesmo não constante, compromete as atividades do dia. “Quando a pessoa tem uma dor de cabeça leve e de nada essa dor fica intensa, com sintomas que não existiam antes, é o momento de procurar um médico para investigar essa dor de cabeça”, avisa o especialista.

Ressalta que a dor é o meio que o corpo encontra para chamar a atenção de que algo não vai bem e o paciente tem que ficar em alerta a esses sinais. Ele enumera alguns sinais de gravidade de uma dor de cabeça, como: quando o paciente



sentir a primeira ou a dor de cabeça mais forte da vida; houver mudanças de características da cefaleia já existente; início da dor de cabeça após os 50 anos; cefaleia que progride em intensidade e frequência rapidamente, em dias ou semanas;

cefaleia que ocorre exclusivamente durante tosse, atividade sexual ou esforço físico; e dor de cabeça acompanhada de febre, confusão mental, rigidez da nuca, convulsões, paralisias, desequilíbrio ou qualquer sinal neurológico.

“Quando qualquer uma dessas situações aparecer é o sinal de que o paciente precisa investigar para saber se a dor de cabeça é primária ou secundária. Se assustou, procure um médico o mais rápido possível”, adverte. Além disso, explica que no caso de cefaleias primárias, crises frequentes e intensas que interfiram na rotina e qualidade de vida, sinaliza que hora é de buscar acompanhamento médico.



MODA E ESCÂNDALO

Em uma época ainda conservadora, loja em Natal lançava comerciais ousados que ganhavam repercussão nas ruas e na mídia, nacional e internacional. Um deles é considerado até hoje o case de maior sucesso da publicidade potiguar

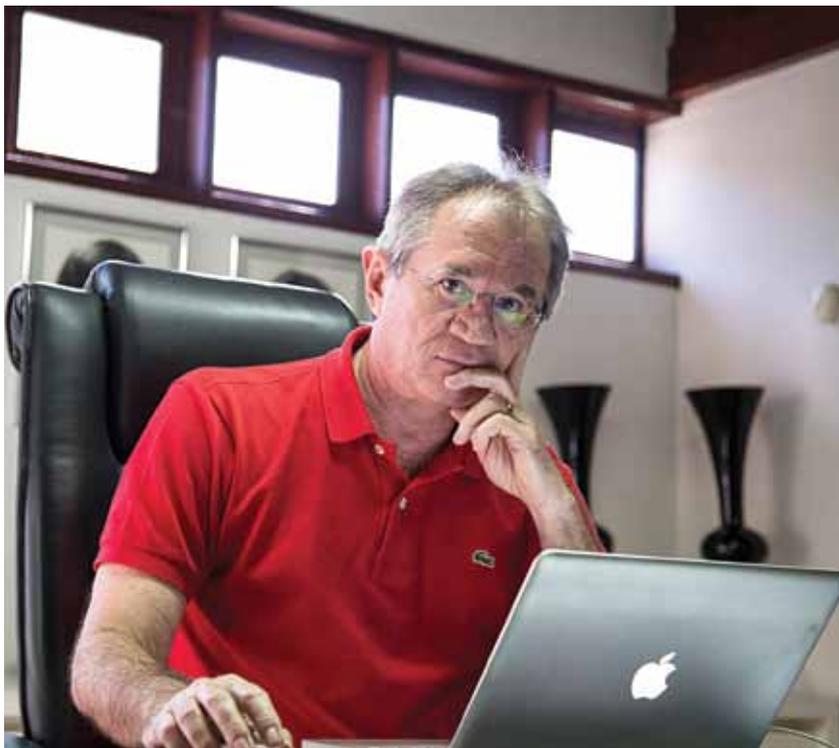
Por Marina Gadelha



SE HOJE A SEXUALIDADE é tema comum, há 20 anos ainda era rodeada de tabus e exigia cautela de quem ousasse tocar no assunto. Em meio a esse cenário conservador, o empresário potiguar George Ramalho apostou na ideia de três publicitários locais e deu vida à personagem Ofélia, nome carinhosamente atribuído ao órgão genital feminino, que em um vídeo de 30 segundos conversava com sua “dona”. O resultado não poderia ser outro: causou polêmica, e das grandes. A repercussão foi tanta que o comercial é considerado até hoje o case de maior sucesso da publicidade no Rio Grande do Norte.

A criação para a loja de moda feminina Bain Douche saiu das mentes de Ricardo Rosado, Alex Medeiros e Roberto Solino, trio da agência Faz Propaganda que enxergou a oportunidade de aproveitar a polêmica em torno da então propaganda veiculada pelo Ministério da Saúde para a prevenção à Aids. Nela, o pênis recebe o apelido de “Bráulio” e dialoga com o homem, que alerta seu desorientado órgão a usar camisinha. “Se os Bráulios ganharam voz, por que as mulheres não poderiam ter a mesma chance? Assim, pensamos em criar a Ofélia para mostrar que elas também podem falar de sexo e devem se prevenir tanto quanto os homens”, explica Ricardo Rosado.

A ideia maluca foi prontamente aceita pelo cliente George



Ao lado de Alex Medeiros e Roberto Solino, publicitário Ricardo Rosado criou o maior case de sucesso da publicidade do RN

Ramalho, entusiasta dos comerciais inovadores e bem humorados. Com roteiro e investimento em mãos, os publicitários produziram o vídeo estrelado pela atriz pernambucana Giselle Tigre, que contracenou ao lado da sua Ofélia e invadiu as telinhas de Natal e Recife, capital de Pernambuco. No entanto, os idealizadores jamais pensaram que o maior obstáculo seria a Rede Globo em Recife, que proibiu a veiculação do comercial e só liberou depois de George Ramalho pedir intervenção da emissora no Rio de Janeiro.

Quando entrou no ar em outubro de 1995, a repercussão na mídia foi imediata, primei-

ramente em âmbito local e, logo depois, a Ofélia virou assunto em rede nacional. SBT, revista Istoé, Folha de São Paulo, Rede Globo, Correio Braziliense e muitos outros veículos exibiram matérias sobre o polêmico comercial. Até Jô Soares discutiu em seu programa outros possíveis nomes para a genitália feminina. A campanha publicitária ainda foi destaque internacional e ganhou as páginas de jornais da Argentina, do Chile e do México. De acordo com Rosado, a criatividade foi a chave do sucesso. “A produção foi bem barata e gerou repercussão sem igual. Nada substitui a força da boa ideia”, aponta.

Ofélias insatisfeitas

O apelido “Ofélia”, atribuído ao órgão sexual feminino, foi uma homenagem à personagem de humor vivida por Cláudia Rodrigues, conhecida pelo bordão “eu só abro a boca quando tenho certeza”. Porém, muitas Ofélias reais não gostaram de ter seus nomes explorados dessa maneira e se sentiram ofendidas com o comercial. Em entrevista ao jornal Correio Braziliense, Ricardo Rosado cita que recebeu a carta de uma mulher de Goiânia, capital de Goiás, reclamando que sua filha não podia mais ir ao colégio após virar alvo de brincadeiras dos colegas.

Alex Medeiros recorda que a apresentadora do programa “A Cozinha Maravilhosa da Ofélia”, exibido na Rede Bandeirantes, ficou furiosa com o vídeo e ameaçou processar os publicitários pelo atrevimento, mas não seguiu em frente. De qualquer forma, sua insatisfação foi exibida em várias matérias jornalísticas e também virou motivo de piada para o jornalista José Simão, da Folha de São Paulo, o qual sugeriu que o nome do programa deveria ser mudado para “A Camisinha Maravilhosa da Ofélia”. Ela ficou bem irritada com toda a chacota.

“Essa história é horrível, uma barbaridade. Por acaso eu dei confiança a essa gente para isso? Acho melhor eles irem trocando o nome, porque senão posso até abrir um processo”, disse, na época, a apresentadora à Folha de São Paulo. Em Brasília o nome virou senha no Congresso Nacional, conforme revelou Ricardo Rosado ao Correio Braziliense. Um deputado federal ligou para ele e disse que, quando os parlamentares queriam sair com alguém, falavam que iriam agarrar uma “Ofélia”.

O amontoado de reações comprova que o objetivo dos publicitários foi alcançado, pois a Bain Douche se tornou conhecida em todo o país graças à amada e odiada Ofélia. Para o empresário George Ramalho, essa e outras campanhas ousadas da Bain Douche nos anos 1980 e 1990 fixaram a marca nas cabeças das pessoas e proporcionaram resultado fantástico nas vendas da loja, que até hoje existe em Natal e Recife.



Comercial causou repercussão em jornais e TV's nacionais e internacionais. Jô Soares e José Simão repercutiram

PUBLICIDADE

A vez da Ofélia

Depois dos Bráulios, agora é a vez das Ofélias reclamarem. Pegando carona na campanha criada e depois vetada do Ministério da Saúde para prevenção da Aids, a griffe de roupas femininas Bain Douche, do Nordeste, colocou no ar um comercial em que a atriz Gisele Tigre conversa com sua Ofélia – nome pelo qual a propaganda chama o órgão genital feminino. O filme publicitário está sendo exibido nas redes de televisão de Natal, no Rio Grande do Norte. O diálogo: “Ei, psiu, nós vamos arrasar nessas roupas da Bain Douche”, diz Ofélia. “É, mas tem que ser com um Bráulio bem vestido”, responde Gisele mostrando uma camisinha. Apesar de ser local, a campanha provocou a reação das Ofélias de todo o País: em São Paulo, Ofélia Anunciato, apresentadora do programa *A cozinha maravilhosa da Ofélia*, ameaçou processar a agência, mesma atitude da mãe de uma



REPRODUÇÃO CARMINDO CANOSA

Gisele no comercial: descontração

adolescente de Goiânia. “Acho o comercial vulgar”, diz a professora Ofélia Brito, 31 anos, de Natal. Na quinta-feira 26, Gisele falou a ISTOÉ: **ISTOÉ** – *Você troca confidências com sua Ofélia?* **Gisele** – Nunca tinha feito isso, mas vou aderir. **ISTOÉ** – *Você se encontraria com o Bráulio?* **Gisele** – Aquele Bráulio não me inspira confiança. É vulgar, grosseiro. A Ofélia vai à caça, mas é mais sutil, tem charme.

No vídeo, “Ofélia” conversa com sua dona

Não tem Bráulio que resista

O comercial da Bain Douche é semelhante ao produzido pelo Ministério da Saúde, no qual o “Bráulio” conversa com o homem. Por sua vez, a campanha dá voz à “Ofélia”, em um diálogo com a mulher:

Ofélia: - Ei, psiu, nós vamos arrasar nessas roupas da Bain Douche!

Giselle: - Quem está falando?

Ofélia: - É a Ofélia! Hoje a gente acaba com a tristeza do nosso gato.

Giselle: - Calma, né, Ofélia? Tem que pintar um clima, sua assanhadinha!

Ofélia: - Imagina... estamos lindas com essa roupa da Bain Douche. Não tem Bráulio que resista!

Giselle: - Tudo bem. Agora tem que ser um Bráulio bem vestido, viu, Ofélia? (mostra uma camisinha)

Ofélia: Amiga, eu só abro quando tenho certeza...





Uma loja da porra

Antes do furacão Ofélia, a Bain Douche já era conhecida pelos comerciais ousados. Para uns, eram o máximo, e para outros um absurdo. O primeiro deles foi o slogan “Uma loja da porra”, estampado ainda na década de 80 pelos outdoors de Natal e Recife. George Ramalho lembra que o impacto maior foi na capital pernambucana, onde a sociedade mais conservadora criticou severamente o uso de um “palavrão” numa peça publicitária. “Alguns elogiavam, outros criticavam fortemente. De todo modo, a repercussão foi positiva, pois a loja ficou conhecida em Recife, onde acabávamos de abrir as portas e a estratégia se reverteu em vendas”, avalia o empresário.

Essa campanha também ganhou espaço na imprensa e apareceu na primeira página dos principais jornais de Pernambuco, além de ter conquistado meia página do jornal carioca O Globo. Mais tarde, no iní-

cio dos anos 1990, o lançamento de uma calça jeans deu o que falar após serem instalados outdoors com a foto de uma mulher fechando o zíper e a frase “Uma roupa para você gozar dentro”. Coincidentemente, no mesmo momento acontecia no Recife um congresso de regulamentação de propaganda de rua, ocasião em que o primeiro palestrante usou o comercial da Bain Douche como exemplo.

A abordagem gerou polêmica e todos os jornais falaram sobre o assunto durante dias, até que a secretária de meio ambiente da cidade pediu a George para retirar o comercial dos outdoors. Ela não tinha poder para isso, mas confessou ao empresário que se sentia incomodada com a campanha, ainda mais depois de sua filha adolescente achar que a mulher em destaque estava com a mão dentro da calça – o que despertava mil e uma interpretações. Para evitar desconfortos,

George acatou a solicitação e dois dias depois substituiu o outdoor por outro com a mesma imagem, mas sem a frase. Contudo, o efeito era o mesmo em todas as pessoas, que já associavam a foto às palavras antes impressas. Tal atitude rendeu mais espaço na imprensa e prolongou a polêmica por mais uma semana.

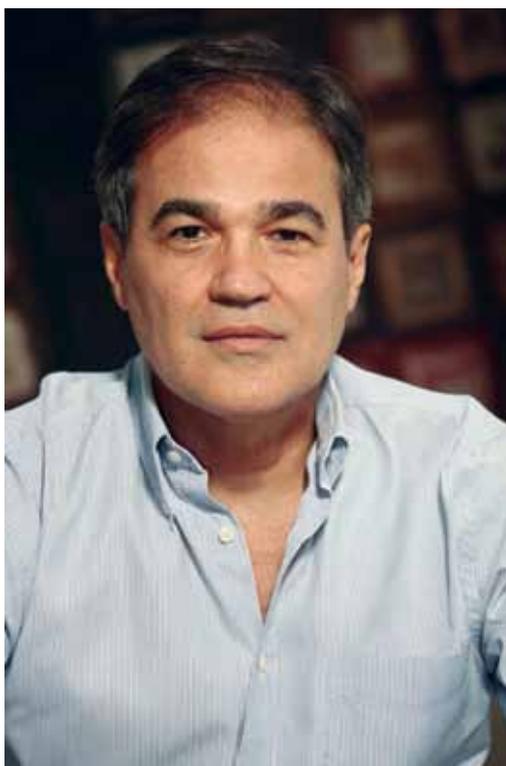
“Havia clientes que externavam o descontentamento com o comercial, mas não deixavam de comprar por isso”, lembra George, que ainda coleciona histórias de outras campanhas na época desenvolvidas pelo publicitário Alexandre Macedo, da antiga agência Brisa. Ele admite que se arrependeu de uma delas, criada durante as eleições presidenciais de 1989, que manifestava apoio ao candidato Fernando Collor na frase “Bain Douche, collorindo você”. A Bain Douche já teve até coluna social na Tribuna do Norte, na qual todos os domingos eram publicadas fotos e notas sobre as clientes da loja.

Outro personagem de sucesso foi “o louco da Bain Douche”, que durante um ano e meio divertia os ouvintes das rádios de Natal e Recife. Nos comerciais, ele ligava para as mulheres que vestiam Bain Douche e elogiava a beleza delas naquelas roupas. No entanto, um dia apareceu um louco de verdade que começou a ligar para as vendedoras da loja em Recife e as ameaçava de morte. “Ele incorporou o personagem de forma agressiva, por isso nos vimos obrigados a retirar o comercial do ar”, diz George, que com ajuda da polícia descobriu quem era o homem, um esquizofrênico em tratamento.

Novas estratégias

George Ramalho avalia que, se criadas hoje em dia, as polêmicas campanhas das décadas passadas não teriam o mesmo efeito. Afinal, a sociedade mudou, assim como os meios de comunicação. “Vivemos repensando a maneira de nos posicionarmos no mercado para acompanhar o mundo ao nosso redor. Chega a hora em que fazer o mesmo fica chato, a publicidade de hoje não é como a de antes. Por isso, devemos trazer coisas novas”, pondera. O empresário ainda gosta de ousar, por isso a ideia de continuar causando não sai de sua cabeça.

A última campanha que gerou polêmica foi em 2013, ao ser lançada a frase “Dama na sociedade, feroz na cama”. A população do Recife ficou horrorizada com o comercial e uma denúncia chegou ao Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar). O órgão acatou a reclamação e ordenou que a Bain Douche retirasse todos os outdoors das ruas, alegando que a frase era chocante. “O denunciante distorceu as palavras e disse que a Bain Douche usava uma palavra de baixo calão, o que não era verdade. A interpretação está na cabeça de cada um”, defende George, que reconhece a importância da publicidade para a consolidação da marca. “Se você perguntar a uma pessoa entre 30 e 40 anos sobre a Bain Douche, ela vai dizer que conhece e ainda irá complementar: uma loja da porra”.



“

Se você perguntar a uma pessoa entre 30 e 40 anos sobre a Bain Douche, ela vai dizer que conhece e ainda irá complementar: uma loja da porra”

George Ramalho,
empresário da
Bain Douche



ARTE AO ALCANCE DE TODOS

Por Camila Pimentel, de Brasília

Fotos: Paulo Lima

A genialidade visionária de Lúcio Costa, pioneiro da arquitetura modernista no Brasil, fez erguer em ponto estratégico da capital federal um museu que até hoje atrai a população de baixa renda, que interage ao lado da elite e de artistas





VISITAR MUSEUS EM VIAGEM de lazer é comum, mas, quando se está na cidade onde mora, muitos sequer um dia entraram em um museu da sua urbe. Na capital do País, entretanto, essa realidade muda um tanto quanto esse cenário de costume. Cidade projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Brasília foi planejada para receber o Complexo Cultural da República, que abrange o Museu Nacional da República e a Biblioteca Nacional, localizado próximo à rodoviária do Plano Piloto, Esplanada dos Ministérios, e do Palácio do Planalto.

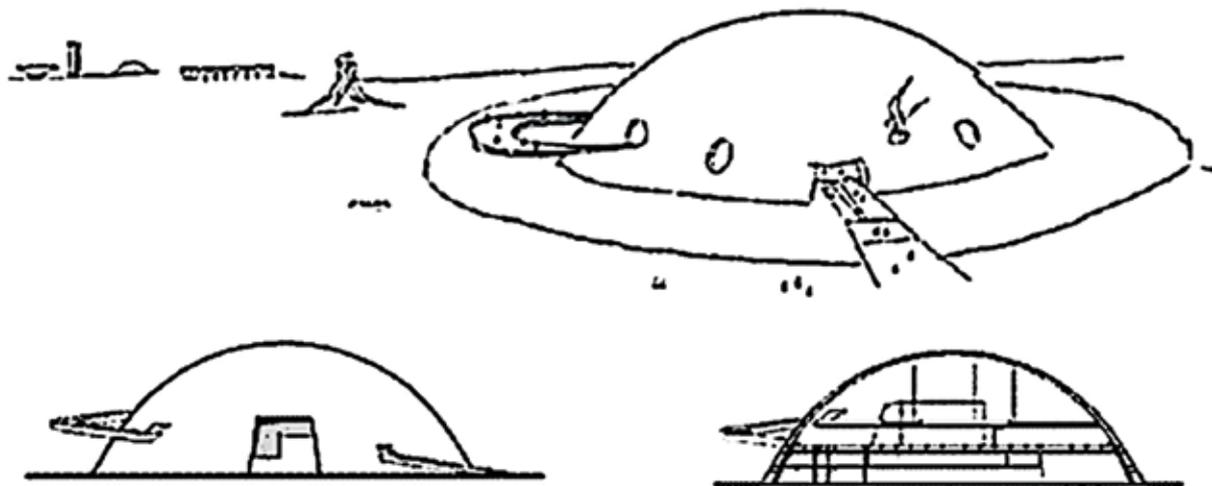
Lugar que é constantemente visitado não apenas por turistas, mas muito por habitantes do Planalto Central. Pela população de baixa renda, principalmente. Segundo o diretor da Instituição, Wagner Barja, o formato do museu chama a atenção de quem visita Brasília pela primeira vez, criado para buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico e histórico. Por ano, são cerca de 30 exposições, além de uma série de eventos de natureza científica, artística e cultural.

“O museu se transformou em um centro formador de opinião, porque trabalhamos com vários eventos de gênero, principalmente voltado para minorias sociais”, explica. Apesar do intercâmbio com grandes museus, o público principal do Museu Nacional da República é de baixa renda, segundo o diretor. A Revista *The Art Newspaper*, publicação in-

ternacional especializada, elegeu o museu brasileiro entre os 100 melhores do mundo. “É um museu não tradicional e tem uma personalidade própria. Sua arquitetura já é um espetáculo tanto por dentro quanto por fora”, considera Barja.

“Nós trabalhamos ao lado de uma rodoviária que desova no Plano Piloto uma média de 800 mil pessoas por dia. O percentual de frequência aqui é de baixa renda. A elite vem ao museu também, especialistas e artistas, idem, mas o contingente mesmo é formado por pessoas que vêm da rodoviária. Nós temos esse privilégio graças ao Lúcio Costa, de ter planejado um museu ao lado da rodoviária, onde a acessibilidade é 100%. As pessoas vêm a pé, e um museu que tem público passante é um privilégio”, ressalta o diretor.

Sobre o acervo, Barja discorre: “Quem quiser saber mais sobre arte contemporânea tem que passar por esse museu. Temos uma coleção modernista que vai dos anos 1920 até os anos 1950”. O acervo compõe obras de artistas brasileiros como Waltércio Caldas, Ernesto Neto Savoy, Beatriz Milhazes, Iberê Camargo, Athos Bulcão, Ralph Ghery e Paula Trope, além de trabalho de artistas da Alemanha, Polônia e Estados Unidos. Órgão da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, o museu não tem orçamento próprio. As ações desenvolvidas contam com recursos das leis de incentivo e do Fundo de Apoio à Cultura (FAC).



O início

O projeto de construção do Museu de Brasília começou em 1962, e só foi entregue no ano de 2006, na gestão do então governador Joaquim Roriz, com recursos captados junto ao Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), explica Wagner Barja, que é diretor do núcleo de museus da capital federal desde 2011. Mas Barja vem do tempo da criação do Museu Nacional e conhece todos os passos da Instituição. “Eu era da UnB (Universidade de Brasília) e fiquei de 2006 a 2011 colaborando na curadoria do museu, ano em que assumi como chefe do setor do sistema de museu. Participei da construção do desenho institucional desses dois equipamentos - museu e biblioteca nacional”, conta.

Voltado para a arte contemporânea, com missões nos campos da arte da ciência, cultura, educação e economia, o espaço “se estabeleceu com diretrizes para atender a esses cinco segmentos de uma forma eficiente. O museu tem atualmente uma



Primeiros traços do projeto do museu e seu interior com perfil moderno

envergadura que a gente não esperava que ele tivesse em tão pouco tempo. Menos de 10 anos de trabalho ininterrupto. Dentro dessa diversidade de coisas que a gente promove aqui conseguimos agregar muitos valores que são, às vezes, dispersos da sociedade. Nós pensamos em um museu fora dos muros, como o projeto Cinema no Museu, onde levamos o filme até a comunidade”, detalha o diretor.

Das últimas exposições que mobilizaram a comunidade local de artistas, destaca a “Semi-Círculo”, em comemoração aos 50 anos de Brasília; e “Entre Copas Arte Brasileira 1950 2014”, realizada durante a Copa do Mundo no Brasil, ano passado, para celebrar a chegada do mundial no país, com arte contemporânea que remetia ao período entre a Copa de 1950 e 2014, ambas realizadas em solo brasileiro.



Artista plástico e curador Wagner Barja, diretor do museu nacional

Também se destaca o centenário da migração japonesa para o Brasil, marcado pela exposição da Arte Samurai, que expôs 11 relíquias de Tóquio, capital do Japão. Wagner Barja destaca ainda a exposição que mereceu toda a sua atenção: a do artista Armando Reverón, um nome de grande importância na reafirmação da arte latino-americana modernista e contemporânea.

“O museu tem feito seminários internacionais de museologia e trazido pessoas importantes para fazer o intercâmbio cultural efetivo com o Museu do Louvre (França) e o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Espanha)”, reforça. Localizado em Paris, o Museu do Louvre é um dos mais famosos do mundo, onde estão obras célebres como Mona Lisa, Vitória de Samotrácia e Vênus de Milo. O Reina Sofia, situado em Madri, é um dos museus mais importantes do mundo da arte moderna, inaugurado em 1992. Seu nome é em homenagem à rainha consorte da Espanha.



Arte contemporânea acessível a todos

Pela independência

Na estrutura organizacional, o Museu Nacional da República pertence à Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Para Wagner Barja, urge a necessidade de independência financeira, só assim será possível progredir. “Eu espero que essa gestão nova dê continuidade a esse trabalho para aperfeiçoar o museu, e que possa melhorar as condições técnicas e o quadro de pessoal, além de melhorar as suas relações internacionais. O plano museológico tem que ser aprovado na Câmara

Distrital”, explica. No momento, a administração do museu tramita para gestão compartilhada com o governo federal, mas ainda há uma incógnita se será totalmente subsidiado pelo Executivo federal.

Depois de falar sobre o processo histórico e atual do museu, Wagner Barja usou uma frase que costuma definir o Museu Nacional da República: “Esse museu é um Titanic no Lago Paranoá, ele não pode fazer nenhuma manobra brusca senão ele encalha”.

O perigo do BEIJO

Enquanto desde 2003 dorme nas gavetas da Câmara dos Deputados o projeto que proíbe o beijo gay em público, o Código Penal Brasileiro mantém em vigor desde 1940 o artigo 233, que trata de "Ato obsceno", um crime comum a todos, independente da condição sexual.

Por Louise Aguiar

Fotos: Sueli Nomizo e Francisco José Oliveira



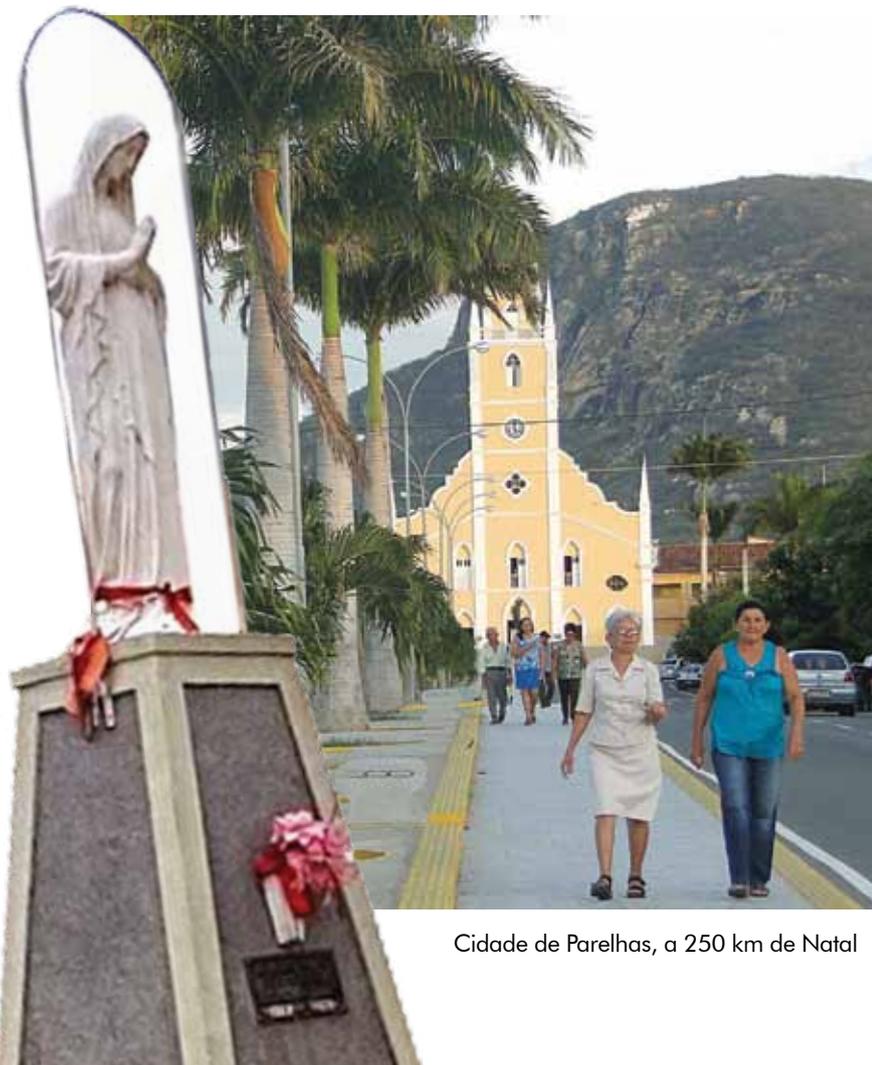


Juiz Jarbas Bezerra, representante do município à época

TUDO COMEÇOU A PARTIR de um beijo mais quente, repleto de amassos, na praça central da cidade de Parelhas, distante 250 km da capital, Natal. Era 1998 e na calada da noite jovens casais se encontravam para namorar na praça. Os carinhos, entretanto, iam além de beijos rápidos e mãos dadas. Os agarros frequentes acabaram por indignar um grupo de senhoras que frequentavam os arredores do largo. Elas acreditavam estar diante do que o Código Penal Brasileiro chama de “ato obsceno”, artigo 233, e que pode resultar em detenção de três meses a um ano, ou multa.

A estátua de Nossa Senhora erguida no lugar, que tinha as mãos estendidas, estava prestes a levá-las aos olhos, tamanha era a vergonha, segundo as mulheres. Foi com esse discurso que decidiram procurar o então juiz da Comarca, Jarbas Bezerra, e pedir encaixadamente que ele proibisse o namoro em praça pública. A cidade ficou dividida e o alvoroço foi tanto que o juiz viu a hora da população realizar duas passeatas, uma para proibir o namoro na praça e outra incentivando. Mas não chegou a tanto.

Foi aí que um dos jovens namoradores, então com 19 anos, revoltado com a perseguição, bebeu demais e decidiu abaixar as calças e mostrar suas proeminências ao grupo de senhoras. A situação, embora engraçada, configurou ato obsceno e obrigou o magistrado a condenar o réu depois da denúncia das mulheres. O artigo 233 do Código Penal Brasileiro, que data de 1940, é até hoje um dos artigos mais polêmicos e que recebe um sem número de interpretações Brasil a fora.



Cidade de Parelhas, a 250 km de Natal

Foto: Sergio Moraes/Reuters



Foto: Jason Reed/Reuters



A prática de atos obscenos em público é considerada crime para todos

Beijar em público é crime?

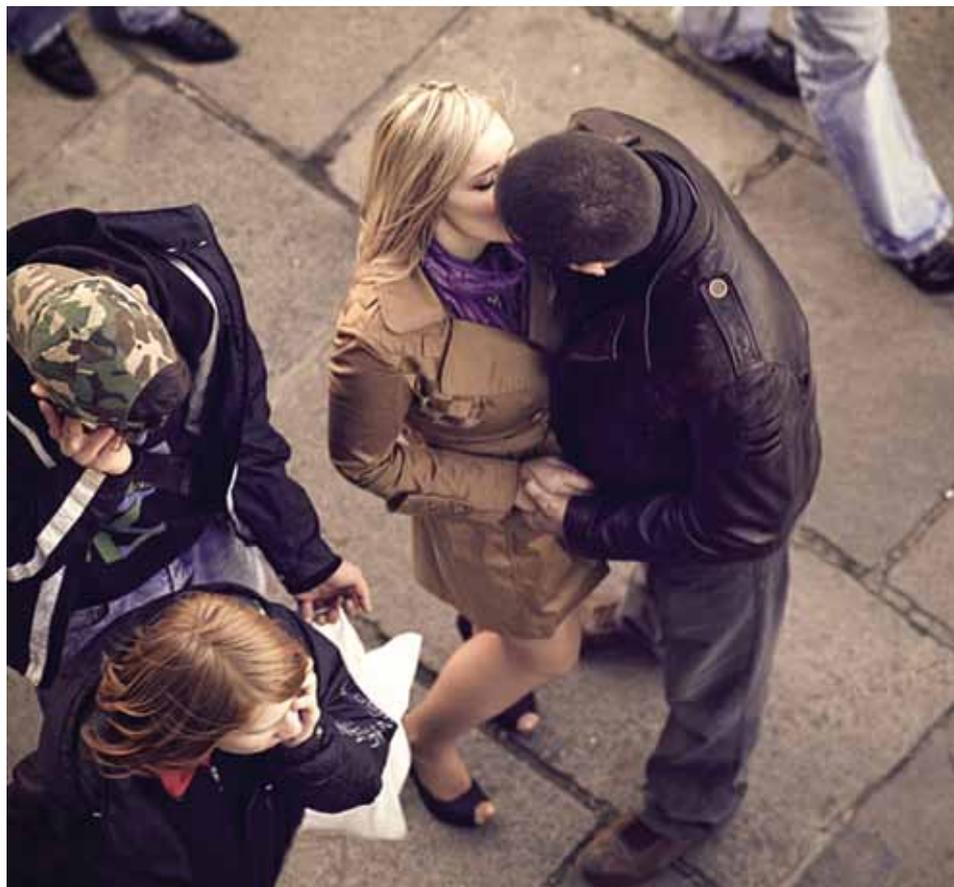
O rapaz foi condenado pelo ato de mostrar os órgãos genitais, mas não pelos beijos e amassos na praça. Mas até que poderia. Após 17 anos dos episódios na praça de Parelhas, até hoje beijar em público pode ser considerado crime. E isso independe da condição sexual dos envolvidos. Para configurar ato obsceno, esse beijo precisa ser “lascivo”, como os juristas chamam. “É aquele beijo mais agarrado, cheio de amassos, com mãos por todos os lugares

e que chama atenção de quem passa na rua. Se alguém se sentir incomodado, pode sim denunciar e essa pessoa vir a ser julgada com base no artigo 233”, explica o Jarbas Bezerra, em entrevista à Bzzz.

Com o artigo em voga, o projeto apresentado em 2003 na Câmara dos Deputados, autoria do então deputado Elimar Damasceno (Prona-SP), que proíbe o beijo homossexual em público, sob pena de multa ou prisão, não tem razão de existir e difi-

cilmente será aprovado. O ato obsceno, encontrado no artigo 233 do Código Penal, não faz distinção de condição sexual. A prática de obscenidade em lugar público, ou aberto ou exposto ao público, é considerada crime para todos.

“É mais fácil o mar secar do que esse projeto ser aprovado”, opina o magistrado. Ele acredita que a ideia do projeto partiu de um grupo religioso da Câmara e que a questão para ser discutida no



Brasil é a necessidade de fazer a diferença entre o caráter religioso e o jurídico. “Se você me perguntar se eu sou a favor do aborto, digo que nas hipóteses previstas em lei eu sou a favor, sim. Não posso deixar que minha crença religiosa, seja ela católica, evangélica ou espírita, interfira no meu julgamento”, pontua.

Jarbas Bezerra destaca que no Brasil – tanto no judiciário quanto no legislativo – as pessoas deixam que a religião interfira na posição jurídica. E há como abstrair. “Se a Bíblia diz que duas mulheres ou dois

homens não podem dormir juntos, essas pessoas talvez vão pagar diante de Deus. Mas diante da justiça se tem uma corte suprema neste país que autorizou, não posso ir contra a suprema corte”, explica.

Na visão do criminalista Flaviano Gama, a intenção do parlamentar paulista seria especificar o que diz o artigo 233 do Código Penal, contrariando um princípio constitucional que diz que todos são iguais perante a lei. “Se algum dia essa lei sair do papel, ela já nasce morta porque é inconstitucional. Não se pode criar

uma lei especificando que o beijo homossexual é proibido publicamente”, enfatiza.

O caso de Parelhas é contado pelo juiz entre risos, embora tudo tenha terminado em uma pena de prestação de serviços à comunidade para o jovem. O grupo de senhoras o denunciou em uma delegacia, que encaminhou o processo ao Ministério Público. Este, por sua vez, ofereceu a denúncia e Jarbas Bezerra condenou o réu a três meses de detenção, que foram convertidos em serviços prestados à comunidade, e respondeu o processo em liberdade.

Foto: Thiago Casoni / Futura Press



Topless é considerado ato obsceno independente de ser protesto

Protesto sem roupa é crime

De 1998 pra cá muita coisa mudou. Menos o artigo 233 do Código Penal, que continua em pleno vigor e pode ser aplicado, por exemplo, aos homens e mulheres que resolvem protestar nas ruas sem roupa. Para o juiz Jarbas Bezerra, o artigo que define a prática de ato obsceno e estabelece a pena para o crime talvez seja um dos dispositivos mais polêmicos do Código. “Foi um dos artigos que não foram modificados de 1940 para cá”, registra.

Os costumes, porém, mudaram a olhos vistos. Na época em que foi concebido, ato obsceno era andar de biquíni fio dental na praia, por exemplo. Hoje o topless é permitido em algumas praias públicas brasileiras, embora existam outras que não aceitam e o protagonista da prática pode estar sujeito à sanção. A grande questão gira em torno do beijo, que, dependendo do que esteja acompanhado, pode ser considerado crime.

Beijo sensual

O chamado “beijo lascivo”, aquele mais quente, que envolve também alguns amassos e costuma chamar atenção de quem passa, pode ser enquadrado como ato obsceno, independente se for entre heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou transexuais. Mas, o juiz Jarbas Bezerra pondera. “É um artigo polêmico, aberto e que precisa ser analisado caso a caso nos dias de hoje devido às mudanças que aconteceram na sociedade ao longo do tempo”.

O magistrado exemplifica com a decisão de um juiz do interior de São Paulo. Um casal homossexual estava passeando na rua e se beijou, mas o gesto indignou um senhor que passava perto com sua esposa e filho. O homem procurou a delegacia e fez a denúncia por ato obsceno, que posteriormente foi oferecida pelo Ministério Público à Justiça. O juiz responsável pelo caso entendeu que não se tratava de um beijo lascivo, mas apenas de um “selinho”, e que hoje, em virtude de o Supremo Tribunal Federal considerar legítima a união homoafetiva, não existiu exagero o gesto do casal. Pior seria se aquela família tivesse presenciado os dois homens em agressão física, considerou o magistrado em sua decisão.

Existe uma corrente isolada da jurisprudência que diz que o artigo 233 estaria ab-rogado. Isto é, teria sido revogado parcialmente devido ao decurso do tempo. Teoria que não é aceita por Jarbas Bezerra.



Flaviano Gama, criminalista, afirma que proibir o beijo gay contraria o princípio de que todos são iguais perante a Lei



“

Por mais que existam pessoas liberais na sociedade, existem normas de conduta que devem ser respeitadas

Jarbas Bezerra

“Entendo que o artigo ainda está em pleno vigor e não o considero ultrapassado. Por mais que existam pessoas liberais na sociedade, existem normas de conduta que devem ser respeitadas”, comenta.

Para o advogado criminalista Flaviano Gama, o beijo libidinoso, que pode configurar também um atentado ao pudor, depende de como seja praticado. “Se você é discreto, se namora ou se comporta de maneira adequada, independente da sua orientação sexual, o ato obsceno não será aplicável”.

Destaca que não existe uma norma ou tópico na lei que a diferencie para heterossexuais ou homossexuais. “A norma é para todos, sem diferença, não existe essa distin-

ção”. De qualquer maneira, o crime é considerado de pequeno potencial ofensivo, e muitas vezes, dependendo do caso, nem leva à prisão. A pena é de detenção, de três meses a um ano, ou multa, mas muitas vezes acaba se convertendo em serviços a prestar à comunidade.

O criminalista concorda que o artigo deixa aberta a questão da subjetividade do que seria ato obsceno e pudor público, e que, por isso mesmo, a lei permite múltiplas interpretações. “Com o avançar do tempo e as mudanças nos costumes, a lei também foi mudando sua conotação. Um ‘selinho’ 50 anos atrás seria um ato obsceno, hoje já não é. A sociedade evolui e a interpretação da lei também”, frisa.

De acordo com o especialista, a jurisprudência brasileira caminha para uma mesma direção, a de que cada caso de ato obsceno precisa ser analisado em particular. Urinar em praça pública, por exemplo, pode ter diversas conotações e, portanto, condenações ou não. “Há decisões que dizem que não é crime, outras dizem que é. Se aquela pessoa urinou na praça porque estava com muita necessidade, mas procurou se esconder e não ser vista por outras pessoas, como poderia ser condenada a um crime? É diferente de um cara que abaixa a roupa e urina na frente de todos para insultar as mulheres”, compara.



DA FRUTA AO VINIL

Criado em 1968 com o perfil hortifrutigranjeiro, o Mercado de Petrópolis é hoje centro de cultura que mantém as raízes potiguares

Por Alice Lima
Fotos: Sueli Nomizo



Mercado multicultural

São 58 espaços dos mais variados segmentos. Salão de beleza, escola de fotografia, atelier, produtora de vídeo, cineclube, loja de roupas, artesanatos, bar, restaurante vegetariano, açougue, antiquários e sebos estão entre as opções.

COLORIDO, ARTÍSTICO E COM RUAS que têm os nomes das sete artes (música, dança, pintura, escultura, teatro literatura e cinema), ele está bem na curva da principal avenida de Natal, capital do Rio Grande do Norte, ligando bairros de realidades e estruturas distintas como Petrópolis e Mãe Luiza. O Mercado de Petrópolis foi criado em 1968, em um contexto que os mercados serviam exclusivamente para as compras de produtos como frutas e verduras. Após anos de abandono, ganhou mais atenção do poder público e de amantes e trabalhadores da cultura. Assim, hoje é um centro cultural que abriga pelas pequenas ruelas raridades mergulhadas em beleza e história. Além disso, estão lá 26 artistas locais, ao alcance do público, para expor e produzir suas obras.

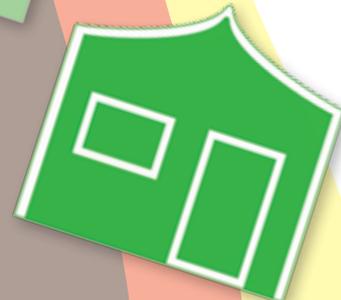
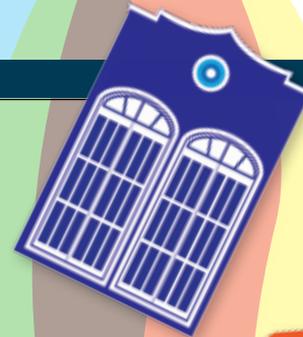


No mezanino, acima das lojas, está o espaço cultural climatizado

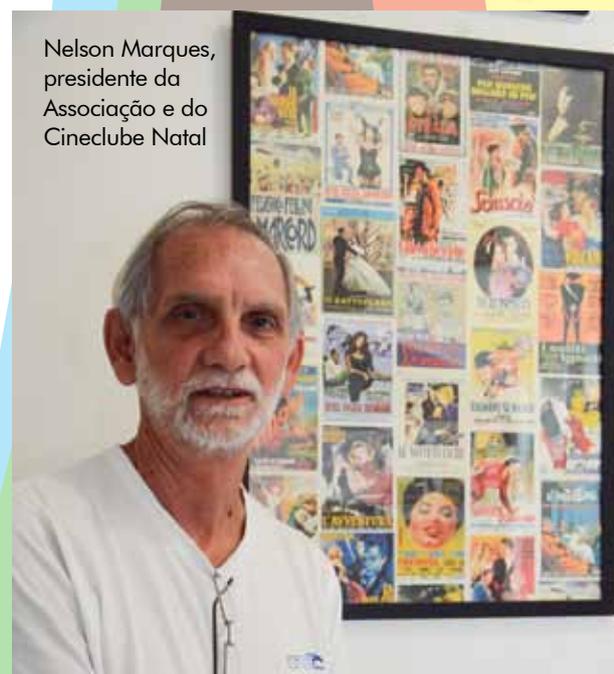
A entrada pode ser pela Avenida Hermes da Fonseca ou pelos fundos, que tem a vista para Mãe Luiza. Os caminhos de corredores são passeios de gratas surpresas, onde o visitante encontra roupas, sebos, produtos terapêuticos, bebidas, salão de beleza, peixes e uma infinidade de opções distribuídas. É bem verdade que quem vai no período da tarde encontra algumas lojas fechadas. “Essa é uma luta constante. Alguns alegam que não há público, mas penso que é um ciclo vicioso. Não abrem porque não vendem e não vendem porque não abrem”, considera o presidente da Associação dos Permissionários do Mercado de Petrópolis, Nelson Marques. Quem não foi ao Mercado de Petrópolis, tem de ir. As ruelas que lembram uma pequena cidade do interior, com as casas coloridas em estilo retrô, estão mais convidativas que em anos passados. Não só pelo visual, mas pelo conteúdo

que está pluralizado e culturalmente rico. Quem passa em frente ao local talvez ainda o veja como simples centro de compras de alimentos, para ir nas primeiras horas da manhã sem demoras. Mas a aura é outra e há o desejo da associação de despertar mais passeios turísticos e, sobretudo, levar mais moradores da cidade até lá.

“Cheguei aqui com o box do Cineclube Natal há sete anos e há três fundamos a associação com o objetivo de defender os interesses dos comerciantes, mas também promover atrações”, explica Nelson. Entre os eventos estão a Quarta Cultural (acontece às primeiras quartas-feiras do mês), que começou sendo temática e hoje se firmou com eventos musicais na praça de alimentação, dia festivo para a maioria dos espaços, que fazem preparações especiais. Há também exposições artísticas constantemente.



Nelson Marques, presidente da Associação e do Cineclube Natal





Vitrola

Conhecido como Reginaldo “Hendrix”, ele levou o amor a Jimi Hendrix para a profissão e desde a década de 1960 trabalha com música. O sebista e colecionador tem peças raras, como vinis de Pink Floyd, Bob Dylan, Jovem Guarda e, sua maior preciosidade, o “Two Great Experiences”, álbum em que seu ídolo fez dueto com o saxofonista Lonnie Youngblood. É o disco mais caro, que custa R\$ 150,00. Os demais discos são vendidos a partir de R\$ 10,00, todos bem cuidados e tratados com o carinho de quem é apaixonado pelas raridades.



Historiador e jornalista, José Martins Júnior relembra criação do mercado

História

Fundado em 1969, o Mercado Municipal de Petrópolis constitui um dos mais antigos e tradicionais mercados públicos de Natal. Começou a ser construído durante a gestão do prefeito Agnelo Alves. O objetivo do projeto foi substituir o antigo Mercado Público de Natal, localizado no terreno onde está a agência do Banco do Brasil da Cidade Alta, destruído em um incêndio. Foi inaugurado por Ernani da Silveira, que assumiu o cargo de prefeito após a cassação dos direitos políticos de Agnelo pelo governo militar.

“O Mercado de Petrópolis contribuiu para o desenvolvimento econômico do bairro, incentivou a atividade comercial na região. Os bairros do Tirol e Mãe Luiza também estavam na área de influência direta do mercado. Lá os consumidores encontravam boa variedade

de produtos alimentícios, vestuários, calçados, entre outros. Nos anos 70, uma época que Natal ainda estava distante dos shoppings de hoje em dia, o local era um ponto de encontro dos moradores nos bares e lanchonetes que funcionavam no empreendimento”, conta José Martins Júnior, historiador e jornalista.

Durante as décadas de 80 e 90, com o surgimento de novos polos comerciais e modernos centros de compras, o Mercado de Petrópolis entrou em decadência. Porém, o poder público e permissionários vêm desenvolvendo iniciativas para dar uma nova perspectiva ao espaço, com ênfase no turismo, cultura e artes. “É inegável a importância do Mercado de Petrópolis para a história recente da capital potiguar. Reconhecer este fato reforça a cultura e valoriza a memória popular”, enfatiza o historiador.



Florir

Entre objetos antigos, há o colorido natural das flores de Geraldo Araújo. São as do campo as mais pedidas por homens que querem presentear namoradas, esposas e paqueras, e formam a principal clientela da floricultura. As mais pedidas são lírios, gérberas e orquídeas.



Pelos corredores da diversidade, os nomes das ruas fazem jus aos produtos

Renovado

Os permissionários pagam uma taxa anual semelhante ao IPTU, definida de acordo com o tamanho do espaço ocupado e as contas individuais de energia. Uma reclamação do grupo é que o valor não é dividido em parcelas e parte considerável deles não consegue pagar em dia, o que tem gerado um índice elevado de inadimplência.

A Secretaria de Serviços Urbanos de Natal (Semsur), cujo titular é Raniere Barbosa, é a responsável pelos mercados da cidade. A atual gestão realizou a reforma do lugar, reivindicação antiga dos permissionários que têm contribuído para a renovação do Mercado de Petrópolis. Em 2013, em comemoração aos 44 anos do centro, a secretaria

pôs em prática a pintura interna e externa e a reforma do mezanino, que recebeu o nome de Espaço Cultural Abraham Palatnik (consagrado artista plástico brasileiro que nasceu em Natal), onde são realizadas atrações culturais, que, após a inauguração, ficou sob a administração da Fundação Cultural Capitania das Artes (Funcarte).



Do flanelinha ao desembargador

No mesmo ano da vizinha Zezé, a Confraria do Gilmar chegou ao mercado. O proprietário, Gilmar de Brito Silva, tem orgulho de dizer que recebe do flanelinha ao desembargador em seu balcão, seja para tomar cachaças especiais, como a Ojuara (da cidade onde foi filmado “O Homem que Desafiou o Diabo”, Salinas), e uísque de muitos anos, ou a famosa 51. O box tem imagens de santos e do papa em meio às bebidas, além de calendários de clubes de futebol. Presente de clientes, de acordo com ele. “Sendo meu cliente, eu torço pelo time que ele quiser”, diz o sorridente dono do reduto de bons bebedores.



Raros

O apreço pelos objetos raros levou Pedro Alcântara a trabalhar com antiquários. Os primeiros negócios foram no Rio de Janeiro, mas quando o potiguar natural de Acari voltou ao seu Estado, escolheu o mercado para vender, trocar ou comprar peças raras. No pequeno espaço há um mundo de preciosidades, como peças de ouro, prata e bronze banhando cristais. Entre as mais curiosas estão mosaicos que formavam a parede de uma casa que foi demolida. O material só não foi para o lixo porque um sensível operário as retirou com cuidado e vendeu o que agora pode virar painéis exóticos para novas casas.



Três mulheres e um café

Como diz o nome, são três mulheres que há um ano abriam o charmoso café que ocupa dois boxes. Em um, a cozinha, no outro, o cenário retrô com objetos antigos. A ideia partiu de Carolina Magalhães, que resolveu abrir um negócio quando terminou a graduação em Gastronomia. Foi então apoiada pela mãe e pela tia, Teresa e Princesa Magalhães, respectivamente. Além dos cafés, outros sucessos dos estabelecimentos são os caldos feitos para os dias das “Quartas Culturais”, nos sabores de jerimum, caldo verde e feijão. Todos os dias há bolos, tortas e sanduíches.

Na praça de alimentação, a pedida é o box de Aluizio Misael, que foi o lendário vendedor de uma das mais badaladas e chiques lojas de Natal nas décadas de 1980 e 1990: Mistura Fina. É no cantinho de Aluizio onde se pode saborear seus deliciosos e famosos bolos, tortinhas de frango e carne de sol, entre outras delícias.



Climatizada, a galeria tem design em aerografia - técnica que utiliza aerógrafos como instrumento de pintura -, assinada pelo artista Silvano Medeiros, que escolheu a temática regional para homenagear o povo nordestino, por meio da representação de ícones da música, como Luiz Gonzaga, Elino Julião (saudo-cantor potiguar de forró) e Dominginhos.

Para dar cara nova ao histórico prédio, a Semsur investiu R\$ 153 mil, viabilizado por meio de uma parceria entre a prefeitura e o Armazém

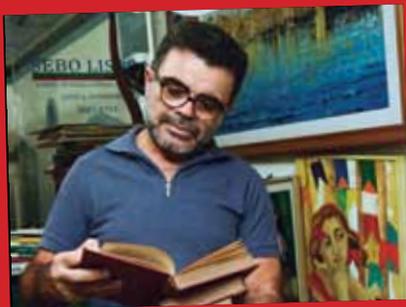
Pará. O projeto Tudo de Cor, da Coral Tintas, colaborou com a doação dos materiais necessários para a pintura completa. A reforma incluiu também a instalação da rede Wi-Fi, iluminação especial e câmeras de segurança.

A manutenção é atribuição da mesma pasta. Após a reforma geral, em 2013, no decorrer de 2014 o mercado passou por alguns outros reparos, devido à ação de vândalos que depredaram o patrimônio público, os banheiros passaram por nova reforma e já foram novamente danificados.



Tudo Zen

Há dois anos o mercado também tem o seu “cantinho zen”. Elizabeth Ferreira é a dona do box de produtos terapêuticos. Os mais vendidos são os florais de Saint Germain e de Bach. Há também incensos, óleos e acessórios.



Livros e histórias

Os sebos são destaque do Mercado de Petrópolis. Alguns dos mais famosos são o Sebo Lisboa, de Antônio Lisboa, e o Cata-livros, de Verônica Torres. No primeiro, encontra-se uma vasta coleção de livros, como um exemplar da coletânea de “O Pasquim”. Já no segundo, o ponto forte são as obras de autores potiguares, os quais são lidos pela dona e, de acordo com ela, é o que mais gosta de vender. Luís da Câmara Cascudo, Zila Mamede e Tarcísio Gurgel estão entre os preferidos. Na foto, exibe um exemplar de “Informação da literatura potiguar”, de Tarcísio Gurgel.





Rainha do café

Quem gosta das festas noturnas de Natal, certamente já procurou o Café da Dalila para o café da manhã pós-far-ra. Em seu quiosque, a festa continuava pela manhã. O lugar ficou famoso pela tapioca bem molhada e recheada. Hoje é a nora de Dalila - que virou personagem lendária-, Ana, quem cuida do local. A dona original, que tem 70 anos, aproveita agora o tempo livre para descansar. Há um ano, casou novamente e vive em eterna lua-de-mel!



Caipira

Zeze Produtos Caipiras nasceu em 1969, apenas um ano após a inauguração do local. Desde a data, vende ovos e galinha caipira às mesmas famílias que atravessam gerações e mantêm os hábitos. Maria José Fagundes, a "Zeze", sempre foi "a única funcionária dela mesma", como costuma dizer. Com os cabelos sempre muito bem arrumados, às 6h de todas as manhãs ela está atrás do seu balcão.

8815-8102



BOX 27



A large swimming pool in a tropical resort. The pool is filled with clear blue water, reflecting the sky and the surrounding palm trees. In the background, there are several palm trees of varying heights, some with lounge chairs and a wooden structure. The sky is bright blue with some white clouds. The overall scene is a peaceful and beautiful tropical setting.

A dois passos do paraíso

A terra vermelha do Chapadão da praia da Pipa, famoso destino turístico potiguar, ganhou arborização e em meio ao cenário exuberante foram erguidos amplos e confortáveis bangalôs e uma convidativa piscina, que formam o Bupitanga Hotel, inaugurado recentemente para quem quer desfrutar de tranquilidade, beleza e natureza

Por Juliana Manzano



SOL, PISCINA, NATUREZA, BARULHO do mar e muita tranquilidade. Isso tudo aliado ao cenário paradisíaco e mundialmente famoso da praia da Pipa, no município de Tibau do Sul, Rio Grande do Norte. Construído sobre belas falésias em um local conhecido como Chapadão e próximo às praias do Amor, da Cancela e das Minas, o Bupitanga Hotel foi, após quase 15 anos em obras, inaugurado. Operando em regime de soft opening (pré-abertura) desde o último mês de novembro, o empreendimento foi planejado para que os hóspedes possam relaxar e aproveitar o canto dos pássaros com conforto e a poucos metros do agitado centro de Pipa.

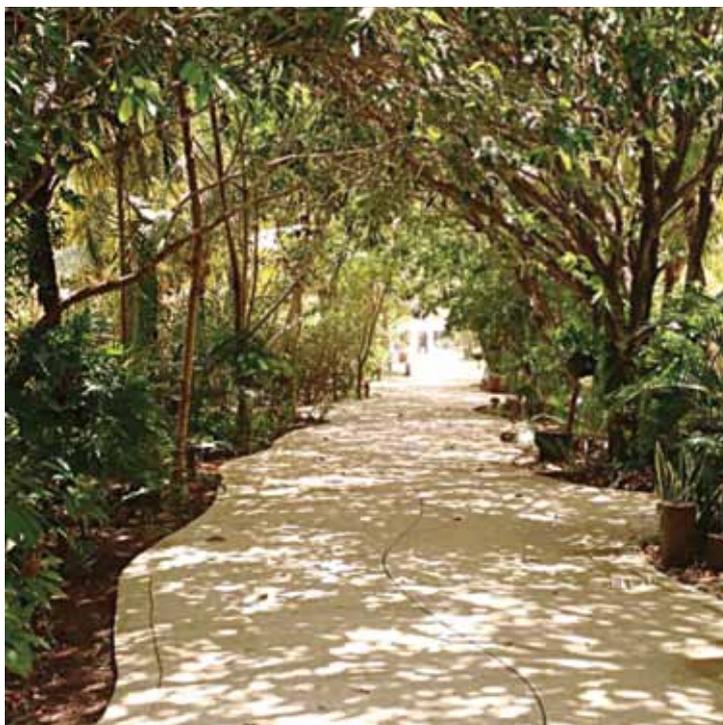
Se por um lado a expectativa em ver o espaço inaugurado era grande, os longos anos de construção também resultaram em benefícios. Proprietários da Pousada da Ladeira, em funcionamento desde 1995, o casal Ana Beatriz e Têlis Simonetti adquiriu a expertise que contribuiu para o serviço de excelência desenvolvido no novo negócio, embora as propostas de cada um sejam distintas.

“O fato de termos a Pousada da Ladeira há 20 anos facilita, mas o hotel é um desafio para nós pelo tipo de acomodação e de público alvo. O perfil do Bupitanga é de família ou casal que quer aproveitar, além das belezas de Pipa, o espaço que dispomos no próprio hotel, curtir a piscina e a paz do lugar. Já a Pousada da Ladeira atende mais aos turistas que têm o perfil de passar o dia fora e voltar apenas para tomar banho e dormir”, explica Ana Beatriz.

A riqueza de detalhes em todos os cômodos do hotel também pode ser atribuída aos 15 anos que se passaram desde a compra do terreno até a inauguração do empreendimento. O belo e bem cuidado jardim, por exemplo, acolhe e ‘abraça’ os hóspedes encantados com a natureza. “Nós tivemos tempo suficiente para cuidar do jardim, que é algo que chama atenção de quem chega. Até o acabamento do caminho [finalizado com formas de concha, pato, coração, estrela e outras] foi pensado com cuidado. Fui para o comércio do Alecrim e comprei muitos baldinhos de praia para fazer essa finalização. A criançada da Pipa adorou porque depois distribuí para eles. Pequenos detalhes são coisas que só quem tem tempo sobrando faz”, recorda a proprietária.

Com 26 mil m² de área total, dos quais apenas 2,9 mil m² construídos, o Bupitanga Hotel possui 30 bangalôs, sendo 18 já equipados e em funcionamento. Todos têm vista para o belo jardim, varanda com rede, ar-condicionado tipo split, frigobar, televisão LED 32”, cama modelo box, interfone, cofre eletrônico, luzes para leitura, mesa de trabalho, secador de cabelo, banheira para duas pessoas, toalhas e lençóis brancos 100% algodão. Dez deles possuem piscina particular, com uma cama de casal king size de 2m x 2m, espreguiçadeiras de design italiano e roupão para o casal.

Em uma área ampla e de frente para o mar está localizada a piscina principal que tem uma raia





com 25 metros, hidromassagem e bar molhado, todos exclusivos para hóspedes. No mesmo espaço há um portão de passagem direta para o famoso Chapadão da Pipa, uma das mais belas paisagens da localidade. Quem quiser também pode curtir a opção de uma sauna a vapor, apreciando a paisagem por uma parede de vidro de frente para a piscina, de onde cai uma fina cascata, com acesso para se refrescar na piscina e retornar. Em um futuro breve ganhará restaurante e quadra de squash. No momento serve apenas café da manhã. Um lauto café da manhã, diga-se.

Além do cuidado com o meio ambiente, a preocupação com o social está presente nos cômodos do hotel. “Pensando no tão importante caráter de sustentabilidade, a linha escolhida para os nossos amenities foi a Talentos do Brasil, que é biodegradável e possui selo de um programa de Agricultura Familiar do Governo Federal”, diz Ana Beatriz.

No saguão onde o café da manhã é servido, outros detalhes também saltam aos olhos. Um arquivo familiar com fotos da Pipa desde a década de 1950 é exposto na parede e desperta a curiosidade de quem se delicia com as iguarias expostas sobre a mesa. “São fotos bem antigas, de 1951, 1960, sendo a maioria de um tio do meu marido, que mostram como era a praia antigamente, e até o acesso à Pipa quando era de barro”. Acima deste espaço está sendo concluída uma pequena biblioteca com obras de autores potiguares.



Paisagismo aliado ao design formam ambiente ideal para relaxar



Vista da sauna emoldurada pela cascata

O começo de tudo

A área foi adquirida em 1999 e os projetos foram iniciados no ano seguinte sob a responsabilidade dos arquitetos Felipe Bezerra e Flávio Góis, tendo este último acompanhado a obra até o final com a colaboração do engenheiro paulista Marcelo Bacellar, experiente em estruturas de madeira. Quando o terreno foi comprado havia apenas 28 coqueiros. Hoje são mais de 400 coqueiros, além de várias espécies nativas da Mata Atlântica, compradas diretamente no

Ibama. Foram plantados pau-brasil, jucá, caibreira, cajarana, maçaranduba, sabiá, cajueiro, jaqueira, fruta-pão, mangueira, seriguela, pitanga, acerola, araçá, tamarindo, cajá-manga, jambeiro e muitas outras.

Tudo foi construído e equipado com recursos próprios e este foi o principal motivo de a obra ter demorado mais do que o tempo esperado. “Não tivemos nenhum financiamento, nem benefício fiscal. Nada foi dado de ‘presente’ para a gente. Então, fo-

mos construindo aos poucos, da forma que podíamos. Neste meio tempo aconteceu a grande crise nos Estados Unidos e Europa e o turismo de Pipa sofreu uma queda considerável. Com isso, a Pousada da Ladeira, que foi o que alimentou tudo isso, deixou de faturar”, explica Ana Beatriz Simonetti, ressaltando que a obra nunca sofreu nenhum tipo de embargo, seja ele administrativo ou judicial. “Antes de colocar qualquer pedra aqui, nós já tínhamos todas as licenças”, completa.



Em 1999, área que hoje dá lugar ao hotel

Por que Bupitanga?

O processo de escolha para o nome do empreendimento foi cuidadoso e levou tempo. A ideia era utilizar palavras que remetessem ao local e tivessem boa sonoridade para nativos e turistas. Nome estrangeiro?

Nem pensar! “Em uma viagem a São Paulo, comprei um dicionário de tupi-guarani e dei ao meu marido, que não queria nome estrangeiro de jeito nenhum. Ele passou meses analisando até que chegou em ‘bupitanga’. ‘Bu’ sig-

nifica terra e ‘pitanga’, vermelho. Bupitanga, portanto, quer dizer ‘terra vermelha’, tudo a ver com o Chapadão onde estamos localizados. Ainda passamos mais um tempo analisando até bater o martelo e batizar o hotel”.



Dentro e fora dos chalés: conforto e comodidade

Novos equipamentos

Além dos 12 bangalôs que estão sendo equipados, ainda existem outras áreas que serão implantadas em breve. O restaurante é uma delas. “Como não trabalhamos com este tipo de serviço na pousada, este será um grande desafio para nós”, pontua. Uma miniboate em um primeiro andar na área próxima à piscina é outro diferencial. O uso será exclusivo dos hóspedes que podem, por exemplo, fazer algum tipo de comemoração e reservar o espaço. Uma quadra de squash, uma área fitness e um salão de eventos para até 100 pessoas ainda estão incluídos no projeto”, conta a simpática proprietária.

Atendimento

A equipe de profissionais do Bupitanga Hotel é composta quase que em sua totalidade por moradores locais das regiões de Tibau do Sul, Pipa e Sibaúma. Em relação à experiência, a equipe é bastante heterogênea. “A mão-de-obra em Pipa hoje já é bastante qualificada. Temos pessoas que já trabalham no ramo hoteleiro há décadas, três deles já

trabalhavam conosco na Pousada da Ladeira, mas também demos oportunidade àqueles que não tinham experiência nenhuma, porém tinham o principal: o desejo de aprender”.

Ana Beatriz se refere a um profissional que acompanhou desde a construção do empreendimento. “Ele veio trabalhar na obra como servente de pedrei-

ro e foi uma surpresa para nós. Quando a construção terminou, ele ficou morando aqui e trabalhando como vigia. Durante a preparação para abrir o hotel, ele nos disse que queria aprender a ser camareiro e deu certo. Uma camareira nossa que tem muitos anos de experiência o ensinou e ele se tornou um ótimo e cuidadoso profissional”, exemplifica.



No Bupitanga, traços regionais são valorizados



Reservas

Com a rapidez que a internet oferece é muito fácil pesquisar sobre destinos, hotéis, pousadas, ver fotos e, principalmente, garantir reservas e evitar atropelos. “Quando abrimos a Pousada da Ladeira, em 1995, não existia reserva porque nem telefone tínhamos aqui. Hoje já iniciamos com uma grande vantagem por conta da internet e das redes sociais”, explica.

Para o Carnaval e a Semana Santa, o hotel tra-

balhará com pacotes, cujos valores devem ser consultados diretamente. As reservas podem ser feitas por meio de telefone (84- 3246-2626), e-mail (www.pipa.com.br/bupitangahotel) e de sites de busca de destinos como Booking, Expedia e Decolar. Nas redes sociais Facebook (<http://www.facebook.com/bupitangahotel>) e Instagram (@bupitangahotel), muitas fotos podem ser acessadas.

Comida, diversão e ARTE

A estrofe da letra da música Comida, de Arnaldo Antunes, casa bem com os integrantes do grupo Gafe do Sabor, que se reúne quinzenalmente para visitar restaurantes e apreciar novos sabores. Do encontro surgiu a ideia de criar o Festival Gastronômico de Maracajaú, promovido a cada verão na casa da procuradora estadual Leila Cunha Lima, no litoral norte potiguar

Por Janaína Amaral
Fotos: Canindé Soares



Casal Marisio Almeida e Leila Cunha Lima, organizadores do VII Festival Gastronômico

APRECIADORAS DA BOA mesa, as procuradoras Leila Cunha Lima (Estado) e Elke Mendes Cunha (Fazenda), mais a juíza Elizabeth Almeida, criaram uma confraria para visitar restaurantes e degustar novos sabores. Na lista, já são mais de 100 restaurantes diferentes, em várias partes do mundo. O grupo recebeu o nome de Gafe do Sabor, com direito até a selo de identificação, desenvolvido pelo badalado artista plástico Flávio Freitas. E foi nas conversas durante os encontros que surgiu a ideia de realizar um festival de

gastronomia. Dinâmica, Leila abraçou o conceito e se propôs a organizar. Isso em 1999. Desde então sua casa de veraneio, na praia de Maracajaú, litoral norte do Rio Grande do Norte, é o endereço do festival.

São sete anos de evento, que é dividido em três categorias: entrada, prato principal e sobremesa, em que cada participante se esmera para promover inigualáveis sabores para os mais exigentes paladares. “Coisa de profissional. Cada prato mais lindo e saboroso do que o outro. Fica difícil escolher”, considera a anfitriã. A data

é sempre um sábado de janeiro, mês em que, tradicionalmente, natalenses se transferem para as suas casas de veraneio, de norte a sul do Estado. Os participantes são aplicados e a ideia é surpreender os jurados, com sabor, aroma, apresentação do prato. Cada um com sua estratégia, o resultado final sempre impressiona a todos os comensais. A ideia deu tão certo que Leila resolveu realizar também o Festival Gastronômico Infantil. Esse na praia de Pirangi, litoral sul do RN, na casa do pai Diógenes da Cunha Lima, presidente da Academia Norte-rio-

-grandense de Letras e também apreciador de comida e arte.

“Teve um ano em que o procurador José Marcelo trouxe ingredientes do exterior, para dar o clima ao prato, um cuscuz marroquino, típico do Marrocos. Ele colocou indumentárias do país e até música na hora da apresentação. Impressionou os jurados e levou o primeiro lugar!”, lembra Leila. Elke Cunha já concorreu nas três categorias e foi vencedora de duas delas. “De prato principal fiz a ‘Lagosta entre amigos’, servi com purê de mandioquinha e três molinhos em diferentes consistências. Os molhos eram armazenados em pequenas abóboras. Na categoria sobremesa, fiz um barquinho à vela, ficou bonito, era um rocambole com creme de goiaba e a vela do barco uma velinha de açúcar”, conta a procuradora.

O que mais chama a atenção de Elke, que participa de todas as edições e há quatro anos integra a categoria de jurada, é o mix dos concorrentes. “São pessoas que cozinham por hobby, profissionais de gastronomia, e até de outras áreas que não são do Direito, não importa, o que eles têm em comum é a gastronomia, todos adoram cozinhar. A gente vê e sente que é uma tarde de experiências, na cozinha que uns ajudam aos outros e tudo que é servido é muito bom”, explica.



Participantes com as premiações, quadros com fotos tiradas por Leila



Juradas Elke Cunha, Leila Cunha, Magna Letícia, Ana Roberta e Juliana Guerra

Neste mês de janeiro de 2015 o time de juradas contou com a participação de cinco mulheres, além de Leila e Elke, as procuradoras estaduais Magna Letícia e Juliana Guerra, e a chef do restaurante Dois Bistrô, Ana Roberta. Já o júri popular foi formado por todos os acompanhantes.

Em todas as edições os participantes levam prêmio concedido pela anfitriã, que não abre mão da assinatura de um artista potiguar. “A premiação já foi de

artesão da Pipa, de Robson (artesano), Polla, Adriana Cerâmica, Flávio Freitas, Lídia Quaresma, e este ano foram fotografias de minha autoria, por sugestão da médica e amiga Yasha Emerenciano”, detalha Leila.

Se os pratos servidos são copiados ninguém sabe dizer, o que se vê é que durante as apresentações os jurados fazem várias e várias anotações, com suas considerações, que devem servir de inspirações para muitos.



Gafe do Sabor[®]

CATEGORIA ENTRADA:

- 1º lugar: Militão Chaves
- 2º lugar: Janaína Amaral
- 3º lugar: Luciana Turini

CATEGORIA PRATO PRINCIPAL

- 1º lugar: Claudine Góis
- 2º lugar: Janaína Targino
- 3º lugar: Mirko Vale

CATEGORIA SOBREMESA

- 1º lugar: João Carlos
- 2º lugar: Karina Cunha
- 3º lugar: Jordana Àsfora

VENCEDOR GERAL

ELEITO PELO JÚRI

João Carlos

VENCEDORA

ELEITA PELO JÚRI POPULAR

Janaína Amaral

Premiados

O vencedor geral desta edição, eleito pelo júri, foi o procurador estadual João Carlos, que concorreu na categoria sobremesa. Elaborou um trio clássico de chiffon (que é um bolo ultraleve e macio, de origem americana e muito comum no Japão), Pavlova (sobremesa em forma de bolo, à base de merengue, cujo nome é uma homenagem à bailarina russa Anna Pavlova), e crème brûlée. No júri popular, a vencedora foi a jornalista Janaína Amaral, que participou na categoria entrada, com o ‘Coco na quenga’, uma homenagem ao grande historiador Luís da Câmara Cascudo e sua filha, a académica Anna Maria Cascudo, que morreu em janeiro último.



Chef Mirko Vale com sua lagosta chic, 3º lugar na categoria prato principal



Procurador Estadual João Carlos, vencedor geral sobremesa



Militão Chaves ficou em 1º lugar na categoria entrada



Claudine Góis, 1º lugar na categoria prato principal, cordona com redução de laranja e risoto de gorgonzola



ALL YOU NEED IS LESS

É possível passar um ano sem comprar roupas e não perder o estilo? Sim, é possível. Larissa mostra como. Nossa editora de moda alerta sobre a banalidade do consumo e o estrago que faz ao meio ambiente. Explica porque copiar roupas nas redes sociais e não repetir peças estão ficando démodé

Por Larissa Soares

AS FACILIDADES DE COMPRA, a forte investida da mídia, a necessidade de alto consumo para a manutenção do mercado, as vitrines convidativas... São vários os fatores que influenciam para a formação de um verdadeiro exército de "fashion victims". Mas esse consumo exacerbado tem suas consequências. A produção de lixo e o esgotamento dos recursos naturais apontam dados alarmantes. E o que a moda

tem a ver com isso? Tudo.

Comprar uma roupa ou acessório se tornou algo banal. As peças, mais banais ainda. Foi-se o tempo de ficar esperando uma data especial para adquirir algo. É tudo tão rápido, tão fácil, em um clique. Eu sou daquelas que gostam de olhar, sentir a peça, pensar e voltar para buscar. E quando ela entra no meu armário, aahh como eu amo repeti-la!



E usar uma roupa que foi da sua avó, mãe, tia, irmã... Roupa de brechó, de viagem, roupa com vida, com significado, coisa difícil de se ver hoje em dia. Usar uma peça pela moda, só porque está em voga, sem qualquer preocupação se aquilo lhe cai bem ou se orna com seu estilo, para mim é um dos piores erros da moda.

A questão é que não podemos continuar assim, nesse consumo inconsequente. Claro que não vamos parar de comprar, pois isso geraria tantas outras consequências, mas sim prezar por um consumo consciente, sem exageros. Colocar em prática os 3R's (reduzir, reciclar e reutilizar) que aprendemos na escola. Buscar uma moda sustentável.

Alguns fashionistas já estão na vanguarda sustentável, como é o caso de Jana Favoreto (@janafavoreto), designer de acessórios que usa como matéria-prima do seu trabalho alumínio reciclado. A indústria têxtil também tem avançado na sustentabilidade com a elaboração de tecidos com materiais descartados como garrafas pet. Sem falar na customização de roupas que dá uma nova vida para as peças. Em Natal, Marina Portela (@marinaportela) é quem está despondo na customização com seus bordados impecáveis.

A sustentabilidade foi, inclusive, o ponto de partida, além da conta no vermelho, para a blogueira Joanna Moura (@mourajo) começar seu blog "Um ano sem Zara". A ideia de Joanna foi passar um ano sem comprar roupas ou acessórios. Nesse ano só era permitido vestir o que saía diretamente do armário. Um look por dia, usando a criatividade e as peças que já possuía. A moça cumpriu sua missão com louvor e mostrou que é possível sim viver sem ter eternamente uma sacolinha nas mãos.

O consumo é um hábito, assim como reduzi-lo. É uma decisão sua escolher qual vai alimentar. No começo vai ser difícil, mas com o tempo vocês vão pegando o jeito.



Joanna Moura, do Blog 'Um ano sem Zara', inovou diariamente, passando um ano sem comprar roupas



Kate Middleton repete os vestidos, mas não erra no look



As peças de Jana Favoreto são feitas artesanalmente em alumínio reciclado

AÍ VÃO ALGUMAS DICAS PRECIOSAS PARA VOCÊ VIVER BEM COM O SEU ARMÁRIO



1

Retire TUDO o que não gosta, não usa ou não cabe. Tem muita gente por aí que vai aproveitar bem mais do que você.

2

Crie um sistema de organização para que você consiga ver tudo o que tem. Às vezes a gente deixa de usar certas peças porque simplesmente não as vê.

3

Ame suas roupas! Não tem nada mais démodé do que não repeti-las.



4

Eleja as peças que mais representam você e faça delas os seus ícones. Monte os looks a partir delas.

6

Na hora das compras, lembre-se do seu armário, do seu estilo e com o que você pode combinar aquela peça.

5

Saia do óbvio! Chega de ctrl c + ctrl v em looks alheios!

7

Estabeleça uma meta para reduzir o consumo, como, por exemplo, a cada peça nova, uma sai do armário para a doação.

9

Lembre-se: você não precisa de uma roupa nova para cada evento.

8

Invista em roupas básicas e acessórios poderosos, assim você pode fazer diversas combinações.

10

Você não é o que você tem.



SISTEMA INTEGRADO

700
Ônibus urbanos



O transporte coletivo urbano de Natal (ônibus e alternativos) já está aceitando todos os cartões de passagens NatalCard: Vale-Transporte, Estudante, Passe Fácil e Profissional.



72
Opcionais



S E T U R N

SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL

Toca do sossego

Depois de delicioso banho de mar na paradisíaca praia das Minas, os privilegiados hóspedes da Toca da Coruja podem desfrutar de duas piscinas ionizadas na pousada, ou mesmo relaxar em meio a um exuberante paisagismo e ambientação que mistura rusticidade e conforto

Por Wellington Fernandes

Fotos: Marcelo Isola



Email: wfarquitetura@yahoo.com.br
Telefones: (84)9962-2909
(84) 9407-9976



BANGALÔS BEM POSICIONADOS EM meio a uma mata preservada e bem cuidada, em plena praia mais badalada do litoral potiguar, misturam conforto, luxo, bom gosto, excelência no atendimento. E exclusividade, elementar. A exclusividade, aliás, é um dos lemas do proprietário da Pousada Toca da Coruja, o engenheiro agrônomo Luís Henrique Ribeiro.

O silêncio é um bem precioso nesse lugar, mesmo que localizado na movimentada rua principal da praia da Pipa, em Tibau do Sul. Tem a mais alta classificação no Roteiro de Charme: esmeralda, que identifica hotel ou pousada com “localização privilegiada, espaços generosos, instalações e serviços que atendam aos padrões de exigência da tradicional hotelaria internacional”.



Exclusividade e charme recebem os hóspedes

Nesse cenário sonho de consumo de quem quer curtir badalação com a tranquilidade quando chega o momento de relaxar, estão duas bem projetadas piscinas. Aliadas a academia de ginástica, sauna, restaurante e bar. São 25 mil m² de área verde, com jardins tropicais, muitas espécies de mamíferos e aves nativas.

As duas piscinas são ionizadas, uma com raia semiolímpica (25 metros) para natação e, a segunda opção, é de um projeto que desenvolvi com colaboração do proprietário, ideal para uma leitura, relax. Com borda molhada e formato orgânico, cria

a sensação de se estar em ambiente natural, com vegetação exuberante e espaços sombreados, para quem não quer se expor totalmente ao sol.

Uma estrutura de caramanchão, com colunas em alvenaria, sustenta peças centenárias de madeira de demolição, garimpadas por Henrique, que dão o toque de personalidade ao local, onde o hóspede pode se sentir como se estivesse em uma varanda ao ar livre, às margens de um pequeno lago, com um córrego em meio à mata, cercado de peixes e muito verde. Um paraíso tropical, digamos assim.



O conforto da área de lazer se estende ao bar, localizado na Praia das Minas



No entorno, e junto ao apreciável paisagismo, temos elementos de aspectos rochosos que se integram perfeitamente e chegam até a borda da piscina, criando uma suave queda d'água. Os móveis em madeira rústica definem vários ambientes de estar. A iluminação indireta - encontrada em toda a área da pousada - cria um efeito cinematográfico e se complementa com luminárias antigas de grande valor histórico. A Toca da Coruja oferece em todos os sentidos uma experiência inesquecível, um roteiro de charme especial.

Como a pousada não fica à beira-mar,

conta com um bar, chamado Yahoo, em um dos pontos mais belos da região, a Praia das Minas, semideserta, onde tartarugas marinhas depositam seus ovos. De frente para o mar, o bar, estilo rústico, conta com atendimento e cardápio no estilo padrão de exigência da Toca. Depois de um ótimo banho de mar, quando a maré está baixa, degustar drinks especiais, borbulhas de espumante ou champanhe, cerveja e as especiais caipiroskas (vodca com frutas), e aproveitar as convidativas piscinas da pousada. Ah! Para o bar, é oferecido o serviço de transporte.



CARLOS DE SOUZA



Du Souto

A banda Du Souto é, segundo eles mesmos se definem, uma mistura perfeita de música regional, samba, funk, drum'n'bass, dub, reggae e muita criatividade. A banda é formada por Paulo Souto (baixo, vocal, back vocal), Gustavo Lamartine (guitarra, vocal, back vocal), Gabriel Souto (vocal, cavaquinho, sanfona, escaleta, base eletrônica, synths). DuSouto é uma das bandas mais tocadas nas noites de Natal, e com muita frequência é convidada para tocar na vizinha João Pessoa, mas já percorreu várias capitais do país.



Rosa de Pedra

A banda Rosa de Pedra atua na cena independente potiguar desde 2002, fundindo a sonoridade dos cantos e ritmos da cultura popular com o contemporâneo e o urbano. É uma mistura de rock, dubs, drum'n'bass com letras que são inspiradas em retratos do cotidiano. No palco, Ângela Castro, Tiquinha Rodrigues, Toni Gregório, Betão Tavares, Kleber Moreira e Rogério Pitomba misturam sons de rabeça, violino, guitarra, baixo, bateria, percussão e vozes. Uma beleza de se ver e ouvir.

Far From Alaska

A banda Far From Alaska faz um sucesso estrondoso entre os jovens que gostam de rock e letras em inglês. O estilo é chamado de Stoner Rock, que mistura Hard Rock, Doom Metal, Rock Psicodélico e Acid Rock. A formação da banda é Emmily Barreto (vocal), Cris Botarelli (sintetizador, lap steel e vocal), Rafael Brasil (guitarra), Edu Filgueira (baixo e backing vocal), Lauro Kirsch (bateria). O nome da banda não quer dizer nada (Longe do Alaska) e foi uma sugestão da mãe de Emmily.

Khrystal

A cantora Khrystal é uma das grandes revelações da música potiguar. Além de uma brilhante participação no programa The Voice, ela se destaca por trabalhos conceituais que marcaram o cenário musical de Natal e resto do país. Suas influências são as raízes da música brasileira, como o coco e o xaxado. Ultimamente, ela anunciou que encerrou o contrato com o produtor José Dias e está partindo para novos projetos.



Camarones

A banda Camarones Orquestra Guitarística, segundo eles mesmos se definem, é um grupo de rock instrumental divertido. A banda mistura elementos de rock, ska e surf music e é conhecida como um dos grupos independentes mais ativos do Brasil. O Camarones tem mais de 400 shows na carreira e já passou por todas as regiões do Brasil. Na América Latina a banda contabiliza três turnês em cidades do Uruguai e Argentina. Os integrantes são Ana Morena (baixo), Anderson Foca (teclado e efeitos), Fausto Alencar (guitarra), Yves Fernandes (bateria).



Simona Talma

A cantora Simona Talma é um dos grandes nomes da noite potiguar. Em todo lugar que canta ela atrai aplausos e admiradores. Com uma voz pequena, Simona Talma emocionou os jurados do programa The Voice, ao chorar no final da interpretação da canção Tango de Nancy, de Chico Buarque e Edu Lobo. Ela impressionou o jurado Carlinhos Brown pela simplicidade e talento.



Rastafeeling

A banda Rastafeeling é um grupo de reggae com identidade própria, sem padrões de rotulagem, embasado nos conhecimentos da filosofia Rastafari. A Banda potiguar que vem despontando no cenário reggae brasileiro com autenticidade, compromisso e muita musicalidade. Os integrantes são Allan Rastfeeling (guitarra e vocal), Michael William (guitarra), Max Coelho (teclado), Jonathas Rodrigo (baixo), Judson Silva (bateria).



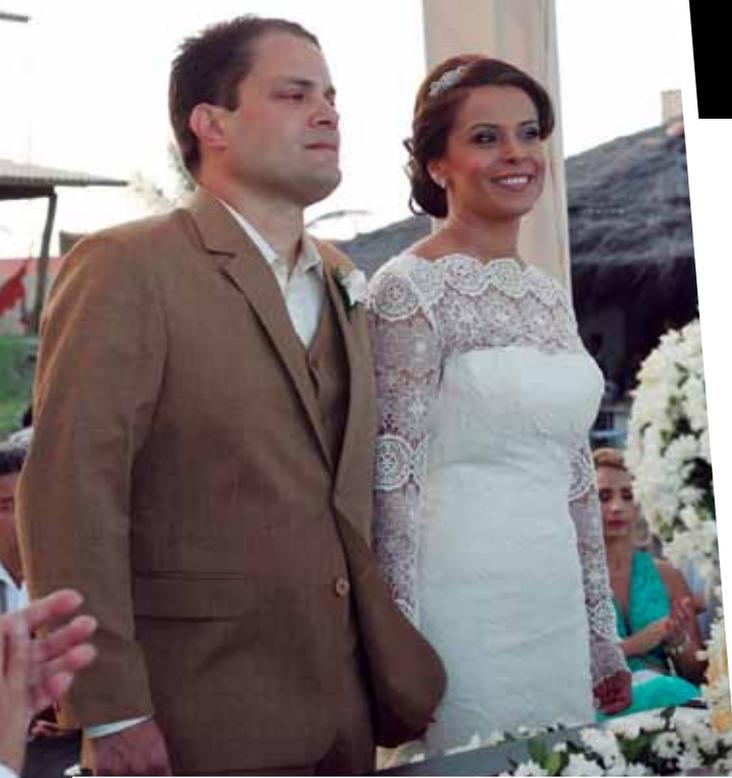
Sérgio Groove

Sérgio Groove é um músico de grande notoriedade no cenário musical potiguar. Dono de uma musicalidade única, o baixista já integrou várias bandas e atuou em diversos festivais instrumentais nacionais e internacionais. Ele também dá aulas de contrabaixo na Escola de Música da UFRN.

ALTAR

Fotos: Studio Wellington Barbosa

De frente para o mar de Jacumã, praia do litoral norte que reúne a fina flor da sociedade potiguar, Andréa Dias e João Paulo Ferreira de Souza de Viveiros juraram amor eterno, sob as bênçãos do pai João Medeiros (elogiada homilia) e Gutemberg. Os belos jardins da casa praiana dos pais do noivo, DaGraça Ferreira de Souza e Augusto Carlos Viveiros, transformaram-se no perfeito cenário para a celebração. Cachepôs com mini-margaridas floriram a passarela com tapetes rústicos da mesma fibra para os noivos seguirem ao altar. O Grupo Harmônium ecoou peças de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A noiva entrou ao som da Ave Maria em ritmo de cavaquinho. O irreparável bufê teve assinatura de Ranata Motta, e a decoração do top Luciano Almeida. O cerimonial ficou por conta do mais-mais de Brasília, César Serra. A SonzeraBand lovou todos à pista de dança. Até mesmo o então presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Alves, e o senador Garibaldi Alves Filho.



Mãe do noivo, DaGraça Ferreira de Souza recebe Letícia Galvão e Elinor Alecrim



Irmã do noivo, Marilda Viveiros com a filha Lúcia e a cunhada Carol



Dilma e Gustavo Carvalho



Denise e Garibaldi Filho



Denise e Arnaldo Gaspar



Carol e Luís Felipe Viveiros



Elinor e Marcelo Alecrim





Os noivos sob as bênçãos do padre João Medeiros



Irmão que conduziu a noiva, Álvaro Dias, com Amanda, e os pais do noivo, DaGraça e Augusto Carlos Viveiros



Filha da noiva, Bruna Dias leva as alianças



Estefânia Viveiros com o namorado Fábio Régis e a sobrinha Marina Viveiros



Ingrid Maciel, Ezequiel Ferreira e o filho João Ezequiel



Ana Cristina Sodré, Cláudia Gallindo, Laurita Arruda, Emanuelle Bezerra

Anúncio Unigráfica

TODOS DE BRANCO

Fotos: João Neto

Todo partidón, Herculano Azevedo Júnior pilotou mais uma edição da White Party, na Arena Ecomax, em Pirangi, concorrida praia do litoral sul do RN. A festa do verão. Noite com espaço de beleza assinado pelo badalado Anilson Knight. Também, área para relaxamento, sob o comando da clínica Emagrecer. Mais open bar premium e shows de Léo Verão e Daniel Freitas, Ramon Schnayder, DJ Lucas Borchardt e Sax in the House. Encontro de belos e belas, chiques e famosos.



Carol Alcides e Luiz Alcides



Débora Dias e Garibaldi Freitas



Antônio Araújo e Anne Louise



Aloisio Dantas e Marina Porto



Maria do Carmo, Iris Stefanelli e Herculano Junior



Abilio Oliveira e Nathasha Gelelaite



Adriana Marques e Odilon Supra



Andrey Maldonado e Viviane Maldonado



Rebeca Monte e Roberto Gurgel



Jarbas Bezerra e Simone Silva



Luciana Toscano e Dalila Rocha



Marília Bittencourt e Gabriel Sodré



Vicente Freire e Maristela Freire



Yuri Barros e Milena Marques

MAGO DAS LENTES

Fotos: Rose Brasil

Fotógrafo dos mais badalados, queridos e respeitados no Planalto Central, Paulo Lima deixou os cliques por um dia, para ganhar os disparos dos flashes. As amigas chiquimas Maria Olímpia, Meire Lúcia e Carmen Minuzzi pilotaram festa para celebrar o aniversário de PL, em clima de alegria e descontração, no Espaço do Chefe Guto, na 210 Sul. Ocasião seleta, para 30 convidadas.



Maria Olímpia Gardino, Meire Lúcia Neme, o aniversariante e Carmen Minuzzi



Guida Carvalho, com Priscilla e Iracema Parisi



Ceres Flores, Lenir Fonseca e Narme Gomide



O homenageado com Sônia Vieira, Antônio Rodrigues e Lígia Azevedo



Irene Maia, Maria Reis e Aurinete Leite



Elizabet Campos, Gertrud Mathias e Geru Ponce



Divanda Pereira e Nazareth Tunholi



Meireluce Fernandes e Beth Dantas



Brunilde Moares, Loudinha Fernandes e Marly Vianna



Cosete Gebrim, Fabíola Loureiro e July Benevides

PARÁBOLAS

Fotos: Paulo Lima.

A empresária Kátia Kouzak, reconhecida anfitriã, recebeu nos domínios do Lago Sul, em Brasília, para sua tradicional festa de homenagem aos Reis Magos. Ocasão também de despedida dos arranjos natalinos, sob as bênçãos do padre Emanuel Sofoulis. Após o favor divino, os mais de 50 convidados celebraram com delícias natalinas, tilintares de vinhos e espumante



Kátia Kouzak com a filha Valeska e as netas Sofia e Stela Kouzak Campos da Paz



Graci Franco, Carmen Minuzzi e Gracia Cantanhede



Marlene de Souza, Filomena Abreu e Valdete Drummond



Mona, Maha e Mirelle Nasr



Rita Márcia Machado, Clotilde Chaparro e Carmen Minuzzi



Irene com Padre Emanuel Sofoulis



Zilá da Costa Raimundo, Cosete Gebrim e Regina Moura



Aloysio Kouzak Campos da Paz e Érika Reimann



Selma Rufino e Marilu Ribeiro



Maria Olímpia Gardino e Denise Frejat

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: João Neto

Em pleno verão

No dia 20 de janeiro de 2006, a empresária Gorete Tito celebrou em grande estilo seus 5.0. Festa para 300 convidados, nos alpendres do clã, na praia de Muriú, litoral norte potiguar. Decoração e delicias do impecável Nick Buffet, explosões de fogos anunciavam os parabéns. A anfitriã abriu a pista de dança ao som do DJ Bruno Giovanni (hoje blogueiro). Para surpresa, entra em cena a banda de música da cidade de Ceará-Mirim, terra natal de Gorete. Festa daquelas memoráveis.



Os anfitriões, Karla e Miguel Josino



Rafael Godeiro e Joselita



Marisa e Álvaro Motta



Karla, Miguel, Talita, Camila, Rebeca, Marília e Pedro



Silvério Soares e Maninha com Miguel Josino



Gustavo Eugênio Bezerra e Mirtes



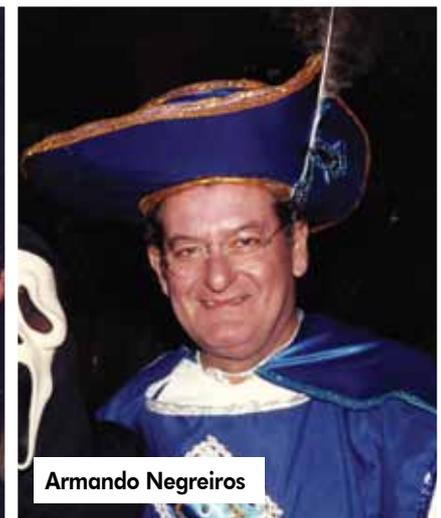
Gina e João Maria Monte



Saulo Stabile, Luíza Arrais, o Anfitrião, Antenor Medeiros e Ana Karenina



Karla Motta, Catharine Barbosa e Aurélio Albuquerque



Armando Negreiros



Detalhes tão pequenos deles dois

“O Réu e o Rei – Minha História Com Roberto Carlos, em Detalhes” (Cia. das Letras) é um livro que deve ser lido por todos os brasileiros que se interessam pela discussão em torno da liberdade de expressão. Vibrante, bem escrita e cheia de ritmo, a obra revela como Roberto Carlos conseguiu, na justiça, a proibição da biografia “Roberto Carlos em Detalhes” (Ed. Planeta), lançada em 2006 pelo professor de história baiano Paulo César de Araújo.

Quem, no Brasil, nascido dos anos 1960 para cá não cresceu ouvindo Roberto Carlos? Quantos milhões de brasileiros não param todos os anos na frente da TV para ver o especial de Natal do Rei? Pois bem: Paulo César de Araújo foi um dos “milhões de amigos” que, para além disso, todos os anos, religiosamente, comprou o disco do maior cantor brasileiro vivo, tornou-se fã e, naturalmente, sentia falta de um livro que contasse a história do Rei.

Durou 15 anos a empreitada em torno da pesquisa e redação do livro, período no qual o autor tentou, de todas as formas, entrevistar o cantor e obter dele um depoimento longo e sincero. Tudo em vão. O livro saiu sem a versão de Roberto sobre o que ele representa para o Brasil.

Roberto Carlos, talvez instruído por alguém muito próximo a ele que só enxergou em Paulo mais um fã exagerado a quem se devia ignorar, reagiu de forma intempestiva ao lançamento do livro (considerado por muita gente importante no Brasil “o maior elogio que

um cantor pudesse receber em vida”) como uma invasão de privacidade.

Travou-se, então, uma longa e vergonhosa que-rela na justiça que resultou na apreensão de cerca de 10 mil exemplares da biografia censurada. Os livros foram recolhidos das livrarias e levados para um depósito em Diadema, na Grande São Paulo, onde até hoje não se sabe se foram queimados, triturados ou reciclados.

“

O “rei” já cometera o mesmo gesto de censura em 1979, conseguindo na Justiça com que fossem queimados mais de 100 mil livros escritos por um ex-mordomo”

Sete anos depois, Paulo César de Araújo escreveu “O Réu e o Rei” para contar todo esse calvário vivido por ele de 2007 para cá, misturando o relato da sua vida de retirante nordestino à de Roberto Carlos. Sem ser piegas ou apelativo, o relato em vários momentos leva qualquer um às lágrimas. Como muitas das músicas de Roberto – a quem dezenas de amigos pediram que não cometesse a loucura de proibir uma biografia que só lhe exautou em vida.

A Companhia das Letras foi extremamente corajosa ao editar e publicar esse novo livro de Araújo – afinal o risco de ser recolhido das livrarias sempre esteve à espreita. A obra é, repito, fundamental para nós, brasileiros, entendermos esse cantor que tanto admiramos e cujas canções vão nos acompanhar para sempre – mas que foi capaz de tomar atitudes que feriram de morte a liberdade de expressão, o trabalho acadêmico, o pensamento intelectual, o respeito para com a imprensa e que talvez, por tudo isso, tenha se tornado cada vez mais desinteressante.



Foto: Elpidio Júnior

A Câmara Municipal de Natal retorna às suas atividades legislativas em 2015 com nova composição de vereadores, partidos e Mesa Diretora, que tomou posse no dia 1º de dezembro, com o decano vereador Franklin Capistrano na presidência, que pretende promover a união e a eficiência dos trabalhos com transparência.

Para o próximo biênio, serão impulsionados os trabalhos para tentar acelerar o processo de construção da sede própria do parlamento, modernizar o legislativo para agilizar e garantir o acesso mais rápido aos requerimentos e projetos de leis; ampliar programas como Parlamento do Futuro, Regularização Fundiária e Procon Legislativo.

Além do presidente, a nova Mesa Diretora é formada pelos vereadores Chagas Catarino (1º Vice-Presidente), Bertone Marinho (2º Vice-Presidente), Bispo Francisco de Assis (3º Vice-Presidente), Luiz Almir (1º Secretário), Júlio Protásio (2º Secretário), Adão Eridan (3º Secretário), Dickson Junior (4º Secretário).

A abertura dos trabalhos ocorre no dia 19 de fevereiro, quando os vereadores receberão o prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves, para fazer a leitura da sua mensagem anual.



Câmara Municipal de Natal

Av. José Augusto, 1.500 - Natal - RN

FÉRIAS

A Unicred Natal continua suando a camisa para você ter bons rendimentos e aproveitar a vida com tranquilidade.



FALE COM SEU CONSULTOR SOBRE **A LINHA DE CRÉDITO UNICRED**. E VIVA O MELHOR!

Rua Tuiuti, 765, Petrópolis - Natal/RN | (84) 4009 3535 | www.unicrednatal.com.br


UNICRED
NATAL/RN